



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES

CURSO: PSICOLOGIA

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR**

CAMILA DINIZ FIGUEIREDO

BRASÍLIA

DEZEMBRO/2008

CAMILA DINIZ FIGUEIREDO

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FACES do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB como requisito para a obtenção do grau de Psicólogo. Professora - Orientadora: Mestra Ciomara Schneider.

Brasília/DF, Dezembro de 2008



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES

CURSO DE PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Prof^ª. Ciomara Schneider

Orientadora

Prof^ª. Eileen Pfeiffer Flores

Examinadora

Prof^ª. Marília de Queiroz Dias Jacome

Examinadora

A Menção final obtida foi:

BRASÍLIA, DEZEMBRO/2008

Dedico essa monografia aos meus pais e irmãos pelo intenso apoio, incentivo e compreensão no decorrer de toda a minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas experiências vividas e por sempre iluminar meu caminho.

Agradeço a meus pais, Fernando e Giselda, pela oportunidade de realizar minha trajetória, por todo apoio incondicional a mim dispensado e por tudo que fizeram para que conseguisse alcançar meus objetivos. São responsáveis por eu ter chegado até aqui. Admiro a força, a dedicação e a garra que possuem.

Agradeço aos meus irmãos, Tatiana e Fernando pela compreensão e pelo intenso apoio concedido não só durante a produção desse trabalho, mas em todos os dias.

Agradeço as minhas queridas amigas, Katiele, Josélia, Carlinha e Gabi, pelas palavras de apoio, pelo suporte, pela escuta, pela diversão e pelo companheirismo que tanto me ajudaram. Agradeço, também, as minhas amigas Ana Maria, Bruninha, Júlia e Rayanah, pela compreensão nos momentos em que estive ausente e pelas alegrias, risadas, palavras de consolo e pelo imenso apoio nas horas em que precisei.

Agradeço em especial à minha amiga Priscilla Zema por sua colaboração, apoio e amizade durante todo curso. Uma pessoa que me ajudou e me confortou em vários momentos. Foram muitos trabalhos, provas, aulas, risadas, choros, e outros momentos de apoio e alegria, uma pessoa com quem sempre pude e posso contar.

Agradeço aos professores pelos ensinamentos e por contribuírem de forma valorosa em minha formação profissional e pessoal. Em especial a minha orientadora Ciomara Schneider pela paciência, conhecimentos e dedicação que me ajudaram a finalizar essa etapa com sucesso.

Agradeço aos participantes da pesquisa pelo compromisso assumido e dedicação.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Amai a infância; favorecei seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós não se sentiu saudoso, às vezes, dessa idade em que o riso está sempre nos lábios e a alma sempre em paz. Por que arrancar destes pequenos inocentes o gozo de um tempo tão curto que lhes escapa, de um bem tão precioso de que não se podem abusar?

Rousseau

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – BREVE HISTÓRIA DA INFÂNCIA	12
CAPÍTULO II – O BRINCAR E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	21
2.1. A visão das teorias psicogenéticas	21
2.1.1. Teoria de Lev Vigotski	21
2.1.2. Teoria de Jean Piaget	23
2.1.3. Teoria de Henri Wallon	25
2.2. A visão da psicanálise.....	28
2.2.1. Teoria de Anna Freud	29
2.2.2. Teoria de Melanie Klein	31
2.2.3. Teoria de Donald Woods Winnicott.....	33
CAPÍTULO III – A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO CONTEXTO ESCOLAR	37
CAPÍTULO IV – O BRINQUEDO COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM	48
4.1. Metodologia.....	48
4.1.1. Método.....	48
4.1.2. Procedimento	50
4.2. Resultados e Análise dos dados	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	70
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	73
APÊNDICE C: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	76
ANEXO: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	91

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade conhecer o brincar como contribuição ao desenvolvimento infantil no contexto escolar. Como ponto de partida, faz-se um breve histórico sobre o surgimento do conceito de infância. Analisa-se também a relação do brincar com o desenvolvimento infantil de acordo com diferentes autores clássicos como Vigotski, Henri Wallon, Jean Piaget, Anna Freud, Winnicott e Melanie Klein. Logo em seguida, reflete-se sobre a importância do uso de atividades lúdicas no ambiente escolar, onde é sintetizada a relação entre a criança e o brincar. Foi realizada uma pesquisa qualitativa cujo procedimento de coleta de dados envolveu a entrevista com duas profissionais de uma determinada escola do Distrito Federal. Participaram da pesquisa uma psicóloga escolar e uma educadora da pré-escola com o intuito de verificar seus conhecimentos acerca da importância do brincar para o desenvolvimento infantil em seu ambiente de trabalho. Um dos pontos importantes foi confrontar a fundamentação teórica com o discurso dos participantes no cotidiano que estão envolvidos. E por fim, faz-se uma análise dos dados obtidos com as concepções dessas profissionais acerca da importância do brincar no contexto escolar. Os resultados demonstraram e pode-se concluir que é possível incluir o lúdico na educação infantil para facilitar o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, promover o desenvolvimento infantil, além de aprimorar e enriquecer a personalidade da criança pela prática adequada de jogos e brinquedos.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil, brincar, aprendizagem.

O ser humano está sempre em desenvolvimento, seja através de descobertas ou pela aprendizagem adquirida ao entrar em contato com seus semelhantes. As crianças dedicam grande parte de seu tempo ao jogo e o brincar é um meio muito importante para o seu aprendizado. Desta forma, o estudo sobre a criança e seu desenvolvimento através do brincar tem sido um tema que tem despertado bastante interesse das pessoas e de profissionais de diversas áreas, inclusive da psicologia e da educação, além de gerar muitas dúvidas e questionamentos. Portanto, torna-se relevante ressaltar que estudos relacionados à criança, ao seu desenvolvimento e ao brinquedo são de extrema importância, contribuindo assim, para a ampliação do conhecimento nesta área.

Percebe-se que a idéia de infância vem desaparecendo ao longo dos anos. Cada vez mais fica difícil distinguir o que é relacionado apenas ao adulto e o que é relacionado apenas à criança. Roupas, linguagem, jogos, desejos, alimentos, caminham para uma homogeneidade. À medida que a infância desaparece, desaparece também a concepção infantil de brincar.

Em vista disso, o conhecimento sobre o brincar e o desenvolvimento da criança pode contribuir para que pais e educadores possam dar importância ao comportamento de brincar entre as crianças, além de proporcionar um ambiente apropriado que estimule as atividades lúdicas.

Para Kishimoto (2002a), a criança, diferente do adulto, não consegue expressar suas emoções, seus medos, tudo o que sente em palavras. Por isso, há uma dificuldade em resgatar a criança através de sua fala porque esta se encontra misturada com as concepções que os pais, professores e muitos outros fazem dela. Froebel (1912, citado em Kishimoto, 2002a) complementa que o brincar é a fase mais importante da infância, pois é o melhor representante psíquico dos processos interiores da criança.

Vigotski (2000) reconhece o brinquedo como uma atividade que não serve apenas como fonte de prazer para a criança, pois há atividades que podem oferecer muito mais prazer

que o brinquedo e outras que não produzem um caráter agradável. De acordo com Dohme (2003), os jogos proporcionam situações que podem ser exploradas de diversas maneiras educativas, as quais cabe ao educador escolher o melhor jogo para transmitir a mensagem adequada.

Não existe uma grande concordância a respeito do conceito de brincar, mas muitas especulações foram produzidas sobre o porquê do brincar (Gardner e Gardner, 1975, citado em Moyles, 2002). Devido a complexidade na definição desse conceito, há uma incerteza dos pais e de outras pessoas sobre a sua importância, o que os levam a pensar que as crianças já brincaram o suficiente em outros contextos e que não necessitam fazê-lo na escola. Em vista disso, os professores lamentam que alguns pais não valorizem as atividades recreativas no currículo da escola (Moyles, 2002).

Trabalhar com o lúdico proporciona ao professor a oportunidade de valorizar a criatividade do aluno, sua criação de regras para o bom andamento dos trabalhos, tomada de decisões e o desenvolvimento da autonomia, o que o ajudará a conhecer-se como pessoa, integrante de uma sociedade, em que, como todos exerce seu papel (Dohme, 2003).

A presente monografia tem como objetivo geral conhecer o brincar como contribuição ao desenvolvimento infantil no contexto escolar e, visa, em primeiro lugar, identificar breve histórico sobre o surgimento do conceito de infância, este que demorou a ser reconhecido e só se fortaleceu ao longo do tempo. Em seguida, é verificada a função do brincar e seu papel no desenvolvimento infantil em diferentes teorias. Depois, foi feito um paralelo entre a criança e o brincar no contexto escolar. Enfatiza-se que a proposta de agregar atividades lúdicas na rotina da educação infantil, possibilita à criança um aprendizado amplo e mais significativo, além de proporcionar seu desenvolvimento em diferentes áreas. Assim, foi possível compreender o brincar e seu importante papel no contexto escolar.

Como encerramento do tema, analisou-se algumas teorias na área do desenvolvimento infantil no contexto escolar e algumas opiniões de especialistas sobre o assunto. Foi feita uma pesquisa onde coletou-se dados das pessoas que trabalham diretamente com as crianças em uma determinada instituição escolar. Com isso, pretendeu-se verificar a atuação de uma psicóloga escolar e uma educadora da pré-escola com o uso do brinquedo como instrumento de trabalho e seus conhecimentos sobre a importância do brincar no contexto escolar para o desenvolvimento infantil. No final, foi feita a discussão dos resultados e isso proporcionou uma maior compreensão sobre esse recurso tão valioso para a aquisição de conhecimento e desenvolvimento da criança.

Capítulo I - Breve História da Infância

Até por volta do século XII, as crianças eram vistas como “adultos em miniatura” as quais se diferenciavam pelo tamanho e força, enquanto as demais características permaneciam iguais. A infância, por sua vez, era desconhecida ou não se tentava representá-la e esta estava relacionada à idéia de dependência. Para ingressar no mundo dos adultos era necessário sair dessa dependência, ou seja, não precisar mais dos cuidados constantes de sua mãe ou de sua ama. A partir desse momento a criança não se diferenciaria mais dos adultos (Ariès, 1981).

A criança tinha acesso a quase tudo que era relacionado aos adultos. Não havia, em separado, um mundo da infância. Compartilhavam os mesmos brinquedos, fantasias, apetites, reuniões, linguagens, gostos, ou seja, participava da vida privada, pública e/ou social sem qualquer restrição (Postman, 1999).

Dessa forma, Ariès (1981) afirma que na Idade Média “não havia lugar” para as crianças em sua civilização e, em vista disso, não havia um período transitório entre a infância e a idade adulta. A sociedade da época acreditava que a criança era isenta de características e necessidades próprias. Um dos acontecimentos que demonstrava o pouco valor dado à infância eram os trajes que as crianças usavam, os quais eram idênticos aos dos homens e das mulheres de sua condição social. Nada daqueles trajes as distinguiam do adulto. O que importava nessa época era evidenciar através da roupa os níveis da hierarquia social.

De acordo com o autor acima, a ausência do sentimento da infância também podia ser observada no modo como os adultos se relacionavam com as crianças. Não havia segredos e estas viam e ouviam de tudo, não existia pudor e resguardo para com elas. Assuntos indecentes, linguagem grosseira, brincadeiras ousadas, eram comuns na presença das crianças e tudo era tratado com naturalidade.

Postman (1999) concorda com o argumento de Ariès (1981) a respeito da ausência do sentimento da infância ressaltando que quando a criança se encontrava em ambientes que eram impróprios para ela, sua presença não era evitada de forma alguma pelos adultos e, a partir disso, esta observava e aprendia de tudo, sendo assim, rapidamente inserida no mundo dos adultos.

Para Ariès (1981), só havia uma diferenciação da idade em relação aos jogos e brincadeiras na primeira infância. Após três ou quatro anos a criança compartilhava das mesmas brincadeiras e jogos que os adultos e que poderiam ser brincadeiras entre as próprias crianças ou misturados com os adultos. Por volta de 1600 (d.C.), não havia condenação em deixar as crianças jogarem cartas ou jogos de azar e a dinheiro, assim que se tornavam capacitadas para tal, por isso elas não eram reprimidas ao participarem.

O trabalho, na sociedade antiga, não tinha o mesmo valor que hoje é destinado a ele, pois este não ocupava tanto tempo do dia de uma pessoa. Por outro lado, eram os jogos e as brincadeiras que proporcionavam momentos para fortalecer os laços na sociedade. É importante ressaltar que uma grande maioria não restringia a participação das crianças em jogos e brincadeiras de adultos, não viam discriminação quanto a isso. Mas, por outro lado, havia uma minoria um tanto quanto poderosa de moralistas que condenava essa atitude e, portanto, fazia surgir um novo sentimento da infância, uma preocupação em preservar a moralidade da criança e ao mesmo tempo de educá-la, proibindo, assim, a utilização de jogos que provocavam uma reprovação moral e que só eram adequados à idade adulta (Ariès, 1981).

Com o tempo a criança ganhou seu espaço e pôde ser reconhecida numa sociedade separada do mundo dos adultos e foi, do século XVI em diante, que isto pôde ser observado através das pinturas onde as crianças não eram mais retratadas como “adultos em miniatura” além de possuírem certa distinção nos trajes que vestiam (Postman, 1999).

É importante observar que as primeiras tentativas de distinguir crianças de adultos foram por meio dos vestuários. Os meninos tiveram trajes específicos à sua idade primeiro que as meninas. Estas participaram por muito mais tempo da vida tradicional que as confundiam com os adultos e só foram distinguidas deles no século XVIII. É através dessas mudanças que foi revelada uma preocupação de separar as crianças do mundo dos adultos (Ariès, 1981).

Segundo Postman (1999) no período medieval não existia o conceito de infância devido à falta, também, do conceito de educação, de alfabetização, de vergonha, além da alta taxa de mortalidade infantil, o que não possibilitava aos adultos criar um envolvimento emocional com as crianças e isso levava os familiares a ignorá-las nesta fase de desenvolvimento como um membro da família. Tal situação se evidencia no fragmento de um diálogo a seguir: “perdi dois ou três filhos pequenos, não sem tristeza, mas sem desespero” (Ariès, 1981, p. 22). Mas vale ressaltar que é um equívoco colocar a responsabilidade na alta taxa de mortalidade para a inexistência da idéia de infância.

Os gregos não se preocupavam com a infância. Isso podia ser observado pela falta de distinção das crianças dos jovens e da utilização de palavras ambíguas nas quais pareciam abranger todas as pessoas que estivessem entre a infância e a velhice. Mas não se pode negar que os gregos eram apaixonados pela educação e foram eles os inventores da idéia de escola. É possível afirmar que eles não inventaram a idéia de infância, mas não podemos esquecer que estes contribuíram para o conceito ser construído, para a infância ser inventada, afinal, cerca de dois mil anos depois é possível reconhecer essas origens. Os romanos, por sua vez, tiveram um entendimento maior que os gregos a respeito da concepção de infância, além de terem estabelecido uma conexão entre a criança em crescimento e a noção de vergonha. Sem o bom entendimento desta noção, a infância não pode existir (Postman, 1999).

Postman (1999) relatou o sentimento da vergonha como sendo a idéia que a criança tem de estar protegida e reservada dos segredos dos adultos. Percebeu-se a importância desse sentimento como outro meio de distanciar a criança do adulto, só depois dos séculos XVI e XVII que reconheceram os numerosos e significativos sinais da existência da infância. Foi então que perceberam que a criança precisava ser separada do mundo dos adultos, ser protegida e ter suas necessidades valorizadas. Portanto, Ariès (1981) observou que a infância não era uma fase de transição rápida e sem importância.

De acordo com Ariès (1981), novos sentimentos da infância aparecem – “paparicação” e “exasperação”. O primeiro sentimento surgiu no meio familiar onde foi designado que a criança possuía uma fraqueza, uma debilidade, o que gerou a necessidade de proteção. Por sua graciosidade, delicadeza e ingenuidade, a criança se tornou objeto de distração e prazer dos adultos. No início, somente as mulheres que cuidavam das crianças as paparicavam, mas com o decorrer do tempo as pessoas não hesitavam em omitir o prazer que sentiam em paparicá-las.

O segundo sentimento da infância não surgiu no meio familiar, mas sim na sociedade. Essa proteção em relação à criança começou a incomodar os moralistas, pois estes não viam a criança somente como um indivíduo frágil que necessitava de proteção, mas também um indivíduo que precisava de rigor e disciplina. Portanto, não era mais almejado misturar as crianças com os adultos, pois isso poderia levar aos mimos e como consequência poderiam se tornar mal-educadas. Em vista disso, é incitado pelos moralistas, a escola como um local mais rígido e adequado para a educação (Ariès, 1981).

Na Idade Média, a escola e o colégio eram reservados para um pequeno número de clérigos e misturavam as diferentes idades. Nessa época, aceitava-se sem empecilhos a mistura de idades, pois o seu objetivo essencial não era a educação da infância, o que importava mesmo era a matéria que estava sendo ensinada. Portanto, a partir do momento que

a criança ingressava na escola, ela entrava imediatamente no mundo dos adultos (Ariès, 1981).

No início do século XVII, as classes escolares ainda não possuíam uma homogeneidade em relação à idade, mas havia um monopólio em relação ao sexo, pois as mulheres eram excluídas e não recebiam nenhuma educação além da aprendizagem doméstica. A separação das idades só teve uma repercussão maior no século XIX (Ariès, 1981).

Heywood (2004) relata que havia uma pequena preocupação no tratamento das crianças no período medieval e isso se devia ao fato de que nessa época a visão moderna, de que os primeiros anos de vida de uma pessoa são importantes para a formação do caráter, nem sempre era compartilhada. A autora afirma também que na Baixa Idade Média se tinha uma visão de criança na qual ela poderia ser moldada de várias maneiras. Portanto, era ressaltada a importância de se proporcionar ótimos exemplos às crianças pelo fato dos educadores relacionarem a infância com o período da vida em que as pessoas eram mais receptivas aos ensinamentos.

No início dos tempos modernos, as escolas se tornaram instituições complexas, não apenas de ensino, mas instituições que também serviriam como meio de isolar cada vez mais as crianças, de discipliná-las de uma forma bem autoritária, e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos. Foi no século XV e, sobretudo no século XVI que ocorreu uma modificação no colégio e não mais apenas os clérigos participavam, mas também os leigos, nobres, burgueses e famílias populares. O colégio se tornou essencial para a sociedade e este passou a conter classes numerosas e uma disciplina rigorosa (Ariès, 1981).

Depois dessas grandes mudanças nas atitudes dos adultos em relação às crianças, tudo que se referia a elas tornava-se um assunto sério e digno de atenção e, dessa forma, a criança adquiriu um espaço central dentro da família (Ariès, 1981). Mas para que a concepção

de infância se efetive, Postman (1999) afirma ser necessário que ocorra uma transformação no mundo dos adultos, na qual se crie uma nova concepção da idade adulta. E para isso, seria necessária a criação de um novo ambiente para a criança, afinal, foram separadas da sociedade dos adultos e precisavam de um espaço para elas. Desse modo, a criança se vê despreparada e vai precisar do aprendizado, da educação para poder entrar nesse novo mundo do adulto.

No século XVI, com o surgimento da imprensa criou-se um novo ponto de vista em relação à idade adulta fundamentada na capacidade de leitura e, conseqüentemente, criou-se um novo ponto de vista em relação à infância fundamentada na incapacidade de leitura. Foi a tipografia que exigiu essa nova concepção de mundo entre o adulto e a criança e os dividiu entre o mundo letrado e o mundo não letrado, ou seja, barrou os assuntos inadequados com os quais as crianças da Idade Média estavam tão familiarizadas. Assim, os adultos que não fossem letrados estariam mais próximos do mundo infantil (Postman, 1999).

A tipografia, ou seja, a capacidade de se armazenar e transmitir a informação escrita vai permitir a preservação das tradições, a difusão de valores e das práticas culturais e, também, a revelação dos segredos da vida adulta. Esta, por trazer os escritos, traz também a necessidade destes serem decifrados. Para decifrá-los foi preciso desenvolver um tipo de pensamento diferente – o simbólico. Em vista disso, o adulto deixa o campo da percepção e vai para o campo da compreensão dos significados que estão no papel (Postman, 1999).

Pode-se notar que a prensa tipográfica gerou uma explosão de conhecimentos a qual tornou disponível uma grande quantidade de livros cujos estudiosos medievais ou não conheciam ou não tinham acesso. Dessa forma, ser um adulto exigia o conhecimento da leitura, visto que o comércio era, cada vez mais, constituído de papel impresso: contratos, escrituras, notas promissórias e mapas. Portanto, criou-se um novo modo de organizar o

conteúdo exposto e da mesma forma criou-se um novo modo de organizar o pensamento (Postman, 1999).

A literatura, seja ela qual for, guarda segredos importantes. De certa forma a leitura cria a idade adulta e determina o fim da infância. Num mundo letrado, ser adulto significa ter acesso aos segredos, mas as crianças precisavam transformar-se em adultos onde tinham que aprender a ler para ter esse acesso e para isso elas precisariam da educação. Em um mundo não letrado, não havia necessidade de distinguir com precisão o adulto e a criança, pois não havia um conceito bem desenvolvido sobre eles (Postman, 1999).

Para Freitas e Kuhlmann (2002) o aumento na quantidade de leitores levaria a um aumento na distância entre o comportamento do adulto e da criança, ou seja, o adulto teria a capacidade de decodificar os segredos contidos nos livros e a criança não. Dessa forma, a sociedade se rendia à tipografia e esta foi a precursora da significação de infância e do desenvolvimento dos colégios.

Na Idade Média, a vida era coletiva e a comunicação entre as pessoas era feita num contexto social onde o leitor pronunciava as palavras em voz alta enquanto os outros acompanhavam. Mas com a prensa tipográfica, o indivíduo sente a necessidade de ler e esse processo de leitura é individual, o que fortalece a personalidade, os aspectos individuais de cada um. A partir daí a leitura começou a se disseminar. Com o livro impresso a oralidade emudeceu e o leitor e a sua reação ficaram separados de um contexto social. A leitura é, portanto, um ato anti-social, na qual o sujeito se fecha em sua própria mente (Postman, 1999).

Uma das diferenças mais significativas entre o adulto e a criança era que o adulto tinha determinados conhecimentos, tais como segredos, mistérios, violências, tragédias, cuja informação não era vista como adequada para as crianças e sua revelação desnecessária não era aprovada. O conhecimento dos segredos passou a ser uma característica somente da idade adulta e, com isso, pôde-se manter as crianças na sua inocência (Postman, 1999).

Freitas e Kuhlmann (2002) consideram que a idéia de inocência seria acompanhada por um sentimento de vergonha, pois, diante disso, a sociedade começa a observar as particularidades que distingue essencialmente a criança do adulto e começa a separá-los em dois mundos com o objetivo de preservar a pureza e ingenuidade da infância. Por conseguinte, a prensa tipográfica, a idéia de inocência e o sentimento de vergonha, juntos, foram auxiliares do fortalecimento da infância.

O Iluminismo também ajudou a sustentar e difundir a idéia de infância. A primeira influência intelectual da época foi Locke com a publicação de seu livro em 1693. Ele percebeu que para manter a distância entre a criança e o adulto era necessário o sentimento de vergonha. Expôs sua teoria da infância, na qual a mente da criança nasce como uma folha em branco. Portanto, recaem sobre os pais, os educadores e, algum tempo depois, também ao governo a responsabilidade do que será inscrito na mente da criança, ou seja, se esta crescesse sem modos, sem educação, quem receberia a culpa seriam os adultos (Postman, 1999).

Postman (1999) relata que uma segunda influência intelectual do século XVIII foi a de Rousseau. Este afirmava que “a criança possuía como direito inato aptidões para a sinceridade, compreensão, curiosidade e espontaneidade que são amortecidas pela alfabetização, educação, razão, autocontrole e vergonha” (p. 73). O autor ainda aponta que os trabalhos de todos os seguidores de Rousseau, como por exemplo, Jean Piaget, Maria Montessori e Friedrich Froebel, tiveram como ponto de partida as suposições de que a psicologia infância é fundamentalmente diferente da psicologia dos adultos e deve ser valorizada por si mesma.

Nos séculos XVIII e XIX, nem sempre os adultos tinham condições de demonstrar dedicação e apego para com as crianças. Conforme Lloyd deMause (citado em Postman, 1999), essa limitação de sentimentos se constituía devido à falta do mecanismo psicológico

que lhes permitisse sentir afeição pelas crianças e também pela degradação econômica, principalmente na Inglaterra e nas classes baixas.

Aos poucos a criança com sua simplicidade, gracejo e doçura foi adquirindo seu espaço e, além de ser paparicada, notada e mimada, finalmente passou a ser amada. Muito disso pôde ser observado quando houve uma baixa na taxa de mortalidade infantil, o que possibilitou às pessoas a criação de um envolvimento emocional e um acentuado afeto dos adultos com as crianças. Foi no período moderno que essa preocupação ganhou maior destaque e deram espaço para a invenção de teorias sobre o desenvolvimento infantil (Freitas e Kuhlmann, 2002).

A partir do cenário exposto, é possível afirmar que o sentimento da infância teve o seu reconhecimento e foi se afirmando ao longo do tempo. Tendo em vista que as crianças dedicam grande parte de seu tempo ao jogo, é importante uma melhor compreensão dela associada ao brincar. Com essa finalidade, no próximo capítulo é exposto o olhar de diversos autores acerca do brincar e o desenvolvimento infantil.

Capítulo II - O Brincar e o Desenvolvimento Infantil

2.1 A visão das teorias psicogenéticas

2.1.1. Teoria de Lev Vigotski.

Vigotski (2000) reconhece o caráter prazeroso do brinquedo, mas para ele não é possível defini-lo como uma atividade que dá prazer à criança, pois outras atividades podem produzir experiências de prazer com uma maior intensidade ou então o brincar pode acarretar sensações que não são agradáveis quando o resultado é desfavorável a ela. Dessa forma, não podemos dizer que o prazer é uma característica que define o brinquedo, mas podemos afirmar que a imaginação é uma característica definidora do brinquedo, visto que nele criam-se situações imaginárias.

Todo brinquedo que envolve situação imaginária é baseado em regras, assim como, todo jogo com regras contém uma situação imaginária, ou seja, não existe brinquedo sem regras. Porém, deve-se ver que a regra não é uma lei, nem mesmo a regra social que é imposta pela sociedade. Uma regra de jogo só tem um significado se for aceita pelos jogadores e só tem duração enquanto o jogo ocorrer ou pode ser transformada pelos jogadores através de acordos. É justamente o jogo com suas regras que torna possível para a criança a capacidade imaginativa. Assim, é inviável conceber o comportamento de uma criança em uma situação imaginária sem regras. O desenvolvimento do jogo com regras se dá por volta do fim da idade pré-escolar e ocorre durante toda a idade escolar da criança (Vigotski, 2000).

Vigotski (2000) considera que o brinquedo exerce na criança uma grande influência em seu desenvolvimento. Uma criança com menos de três anos não consegue se envolver numa situação imaginária porque nessa etapa ela não consegue operar num campo cognitivo e o brinquedo irá fazer com que ela o desenvolva e esta deixará de agir num campo visual externo. Neste campo, encontram-se os objetos que funcionam como uma força motivadora e

determina o que as crianças pequenas devem fazer, mas com o brinquedo esses objetos perdem a sua força e assim, a criança ao ver um objeto em sua frente, tem condições de agir de maneira diferente, com certa autonomia, em relação àquilo que vê.

Vigotski (2000) assegura-se que a criança ainda não consegue separar o pensamento do objeto real, afinal é um processo muito difícil para ela e não é realizado de uma hora para outra. Este é feito através do brinquedo, pois nele o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias e não das coisas. Para a separação do pensamento do objeto real é necessário que o objeto utilizado possa ser usado como tal. Todavia, não é qualquer objeto que pode ser qualquer coisa para a criança, diferente de um adulto que já consegue separar o pensamento dos objetos reais. A simbolização ainda não é a atividade da criança, mas sim o brinquedo.

A criança quando brinca se comporta além do habitual para a sua idade e para a vida real. Ela se sente maior do que é na realidade e, é desta maneira que a criança se desenvolve - através da atividade com o brinquedo. Pode-se dizer que para uma criança pequena uma situação imaginária seja próxima de uma situação real, visto que a criança faz uma reprodução de uma situação que aconteceu em sua vida real, pois ela ainda não é capaz de usar o imaginário, sendo que nessa fase, há muito pouco dele. O brinquedo, então, passa a ser mais a lembrança de alguma coisa que aconteceu do que uma situação imaginária (Vigotski, 2000).

O termo zona de desenvolvimento proximal foi utilizado para explicar o papel da aprendizagem no desenvolvimento. Assim, Vigotski (1982, p. 117, citado em Moll, 1996) demonstra que:

“A criança é capaz de copiar uma série de ações que ultrapassam suas próprias capacidades, mas apenas dentro de certos limites. Para efeitos de cópia, a criança é capaz de desempenhar muito melhor quando acompanhada e orientada por adultos do que quando deixada sozinha, e pode fazer isto com compreensão e independência. A

diferença entre o nível de tarefas resolvidas que podem ser realizadas com o direcionamento e ajuda do adulto, bem como o nível de tarefas resolvidas independentemente, é a zona de desenvolvimento proximal” (p.341).

Ainda de acordo com o argumento acima, Vigotski (2000) complementa a definição da zona de desenvolvimento proximal como sendo a distância entre o nível de desenvolvimento real, onde a criança encontra a solução de um determinado problema independentemente de ajuda, e o nível de desenvolvimento potencial, onde a criança necessita da ajuda de terceiros para chegar à solução de um problema. Assim, à medida que a criança interage com pessoas em seu ambiente, ela aprende a resolver novos problemas. No entanto, pode-se dizer que o brinquedo contribui para o desenvolvimento psicológico infantil, criando na criança a zona de desenvolvimento proximal.

No brinquedo, a criança se relaciona com o significado dos objetos e não com os próprios objetos, ou seja, suas ações são subordinadas aos significados e ela age de acordo com eles. Assim, o brinquedo faz com que a criança se relacione com o mundo do significado e isto a ajuda a entrar no mundo simbólico, das representações, da língua e das relações entre pensamento e linguagem, além da criação das situações imaginárias desenvolverem o pensamento abstrato (Vigotski, 2000).

2.1.2 Teoria de Jean Piaget.

Antes de começar a discorrer a respeito da teoria de Jean Piaget sobre o brincar e o desenvolvimento infantil, é importante que alguns de seus conceitos cognitivos básicos sejam dominados. São eles os conceitos de esquema, assimilação, adaptação e equilíbrio.

Wadsworth (1997) relata que pode ser feita uma analogia e comparar os esquemas como fichas (conceitos) armazenadas em um arquivo. As crianças possuem poucos conceitos ao nascer e à medida que se desenvolvem, esses conceitos aumentam, se modificam e se

tornam mais generalizados, mais diferenciados e mais refinados. Portanto, ao receber um estímulo, a criança vai tentar encaixá-lo em um esquema disponível.

Segundo o mesmo autor, assimilação é um processo de integração de novos conceitos em esquemas já existentes por um indivíduo, ou seja, a criança tenta adaptar um esquema antigo para classificar um esquema novo e semelhante. Porém, a assimilação possibilita o crescimento e a ampliação de esquemas, mas não provoca a transformação deles. Em contrapartida, o processo responsável pela transformação de velhos esquemas e a criação de novos esquemas foi denominado como acomodação e isto acontece quando uma criança não consegue assimilar um conceito a um esquema já existente, acarretando mudança na estrutura cognitiva (esquemas) ou no seu desenvolvimento. De acordo com Piaget (1983), a assimilação e a acomodação são processos que se complementam, ou seja, não pode haver assimilação sem acomodação e vice-versa.

Por fim, temos o conceito de equilíbrio. Wadsworth (1997) o define como sendo a passagem do desequilíbrio para o equilíbrio com a utilização da assimilação e acomodação, ou seja, é um mecanismo que regula esses processos. Quando a criança experimenta um novo esquema, ela tenta assimilá-lo a um esquema já existente. Ao conseguir, o equilíbrio foi alcançado. Se ela não obtém sucesso, vai tentar acomodar, modificando um esquema ou criando um novo. Logo após a acomodação vai ocorrer a assimilação e, então, o equilíbrio é alcançado. A assimilação é sempre o produto final. Toda vez que o organismo experimentar uma situação de desequilíbrio, o mesmo vai buscar um esforço para alcançar o equilíbrio, proporcionando a interação da criança com o meio ambiente.

Kishimoto (2002b) coloca que Piaget destaca três sucessivos sistemas de jogos: de exercício, simbólico e de regras. Os jogos de exercício são aqueles que percorrem os primeiros 18 meses do bebê e estão relacionados com a repetição de um movimento com determinado objeto, onde o ele manifesta prazer sentido por aquela brincadeira. Em vista

disso, ao conseguir repetir esses eventos, o bebê interage com o meio ambiente, além de assimilar essas experiências. Com essa atividade motora a criança tem o intuito de obter prazer. Quando ela completa mais ou menos um ano de idade, esses exercícios passam a ser menos frequentes. Depois, observam-se os jogos simbólicos que surgem por volta de dois anos de idade com o aparecimento da representação e da linguagem.

Rappaport (1981) considera o jogo simbólico como um jogo de faz-de-conta onde a sua natureza é imitativa, mas também oferece à criança a oportunidade de elaborar os conflitos cotidianos por ela vivenciados ou de realizar seus desejos insatisfeitos, mas não tem a intenção de se comunicar com outras pessoas. É apenas uma forma de expressar seus sentimentos com a repetição de uma determinada situação que foi vivenciada, ou seja, uma auto-expressão. Quando a fala torna-se inapropriada para a criança, ela se utiliza do jogo simbólico para se expressar, mesmo que para os adultos se mostre como algo obscuro e sem sentido.

O terceiro e último tipo de jogo é o de regras. Este acontece no período de 7 a 11 anos de idade e marca a passagem da criança para a socialização, onde ela deixa de realizar atividades individuais e emprega o jogo como algo interativo. Na visão de Piaget, as regras significam a interação entre duas ou mais pessoas e podem ser divididas em dois tipos: as regras que são construídas e as que vêm de fora (Kishimoto, 2002b).

2.1.3 Teoria de Henri Wallon.

O desenvolvimento infantil tem uma grande importância na teoria psicogenética de Wallon, onde descreve as etapas do desenvolvimento da criança em sua teoria. Para ele, as primeiras semanas de vida do bebê são baseadas em processos fisiológicos, onde a alimentação orienta os movimentos da criança. A partir do terceiro mês, o bebê já começa a compreender as ligações entre os seus desejos e as ocorrências externas, desta forma, surgem

os reflexos condicionados, como por exemplo, o sorriso. Aos seis meses, torna-se um período emocional, de participação humana e total, pois só mais tarde ela terá que se distinguir do grupo e, a partir disso, ela terá bom conhecimento para a troca com o meio humano. Depois do nono mês estabelece-se a etapa sensório-motora e não mais a emocional. Esta é a fase de descobertas, de exploração dos objetos tanto com a mão quanto com a boca. Aos dois anos de idade, a criança adquire a marcha e tem a aquisição da linguagem. Com isso ela se sente mais livre dos cuidados do adulto e é uma etapa de grande importância, pois ela pode construir um espaço único através das atividades que realiza, ou seja, ganhar autonomia para desenvolver suas ações. Nessa época, a criança ainda não consegue se distinguir do outro. A autora cita o jogo, onde a criança desempenha dois papéis ao mesmo tempo, se confundindo ainda com outro. Mas aos três anos a criança tem a necessidade de impor seu ponto de vista pessoal, de se auto-afirmar para poder garantir a sua vontade. Essa etapa foi denominada por Wallon de crise de personalidade (Galvão, 1995).

Em seguida tem-se a idade da graça, na qual Galvão (1995) relata que a criança está mais observadora e atenta às suas atitudes. Assim, surge a timidez na qual ela fica atenta ao seu comportamento e ao que ele pode acarretar aos outros. Surge também a necessidade de imitação com o intuito de tomar o lugar do outro. Essa etapa é decisiva na formação da personalidade da criança e ocorre por volta dos quatro anos. Mas a criança ainda não consegue distinguir o lugar que ocupa entre os outros, pois sua personalidade não está totalmente diferenciada. Depois dos seis anos ocorre a entrada da criança na idade escolar. Essa é uma etapa importante na vida da criança e é aqui que ela tem a possibilidade de se diferenciar na sua personalidade. É por isso que os jogos relacionados à mudança de papel são necessários, pois ajudam a criança nessa diferenciação. No período de 7 a 12 anos a criança começa a pensar de uma forma mais próxima aos adultos. A autora conclui que a criança não deve ser tratada como se fosse fragmentada por conta das etapas de desenvolvimento criadas

na teoria de Wallon. Cada ser humano é único e terá seu desenvolvimento de uma maneira particular com o ambiente em que se relaciona.

Wallon (1995) concorda que o brincar seria um estágio no desenvolvimento total da criança que se transformaria também em períodos consecutivos. Na primeira fase estão os jogos funcionais, depois os jogos de ficção (ou faz de conta), de aquisição e de fabricação (ou jogos de habilidades práticas). Os jogos funcionais apresentam movimentos muito simples, que podem ser facilmente percebidos através de um toque nos objetos, de um estender de braço ou perna, agitar dedos. Os jogos de ficção abordam uma atividade cujas interpretações são mais complexas e podem ser observados através de um cabo de vassoura denominado pela criança de cavalo. Os jogos de aquisição a criança fica em estado de alerta, ou seja, observa, escuta, percebe mais as coisas. Ela aprende vendo e ouvindo. Nos jogos de fabricação pode-se verificar a criação e modificação de objetos.

Para Wallon (1995) o jogo é uma atividade que proporciona prazer, diferente do trabalho que é uma atividade de caráter sério. Essa comparação não pode ser levada em consideração pela criança, pois esta ainda não sabe o que é trabalhar. Mas é possível afirmar que o jogo pode exigir um esforço maior por parte de um indivíduo do que uma tarefa obrigatória, pois a energia consumida é grande, ainda mais para uma criança a qual o jogo constitui toda sua atividade.

Seguindo o ponto de vista do mesmo autor, o jogo se tornará tedioso, se não lhe for atribuído regras cada vez mais rigorosas. Estas regras serão dificuldades específicas escolhidas, que a criança precisará resolver por si mesma. No jogo a criança tem a tendência de reproduzir situações de sua vida. As com idade mais tenra utilizam a imitação como regra de seu jogo, aliás, é a única regra que lhes é acessível porque ainda não são capazes de abandonar o pensamento concreto para alcançar o abstrato.

De acordo com Wallon (1995) o caráter secreto do jogo vem muitas vezes juntar-se à agressividade. Esta agressividade apresentada pela criança durante o jogo assinala um sentimento de culpa cuja origem é o desejo da criança de se substituir aos adultos, ou seja, trocar de papel com eles, querer-se no lugar deles. Ao brincar de imitar “marido e mulher”, por exemplo, a criança pretende reproduzir as impressões que vive com tais modelos (que são aquelas pessoas que a criança considera de sua maior importância ou onde o carinho está presente), além da vontade de querer vivenciar os sentimentos mais profundos daquilo que imitam, mas precisam recorrer a experiência pessoal por não possuírem esse conhecimento.

2.2 A visão da psicanálise

Freud (1996) observou o seu neto brincando com um carretel, onde ao invés de puxá-lo como se fosse um carro, o arremessava sobre sua “caminha encortinada”, fazendo com que este desaparecesse por entre as cortinas e enquanto isso pronunciava seu expressivo “o-o-ó”, o qual foi considerado por Freud uma representação da palavra Fort que significa “ir embora”. Em seguida, puxava o carretel e saudava o seu reaparecimento com um alegre “da” (ali). Esta idéia de desaparecimento e retorno constituía, então, a brincadeira de seu neto, sendo denominada por Freud de “Fort Da”. Nesta cena, percebe que seu neto começa a brincadeira logo que sua mãe, Anna, sai de casa. Desta forma, o brincar representa a possibilidade para a criança (na primeira infância) de saber que logo a mãe estará de volta, proporcionando-lhe o prazer do reaparecimento. A repetição desse jogo tem a experiência desagradável da partida da mãe, mas em contrapartida, traz consigo a produção de prazer com o seu retorno. Por fim, no brincar a criança passa da posição passiva, para a posição ativa, ou seja, inverte a cena como se ela mandasse a mãe ir embora. Assim, a psicanálise lançou um olhar especial para o brincar como forma de produção de prazer.

2.2.1 Teoria de Anna Freud.

Anna Freud desenvolveu o seu trabalho voltado para a clínica psicanalítica infantil, porém é importante mencioná-la aqui por dois motivos: (a) porque ela deixou uma considerável contribuição para se compreender a importância do lúdico para a criança e (b) porque Anna ficou conhecida pela característica pedagógica de seu trabalho clínico, então, podemos correlacionar seu trabalho com a questão do brincar para a aprendizagem.

Anna Freud (1971) afirma que quem procura análise para a criança são seus pais e estes não a questionam sobre seu consentimento. Na técnica de adultos, para coletar as informações do paciente, o analista deve interrogar o próprio paciente e não adquirir quaisquer informações advindas da família, pois as informações oferecidas pelos familiares são incapazes de demonstrar confiança, além de serem incompletas. O analista deve, então, avaliar e interpretar as idéias que surgem da associação livre do paciente. Mas em relação à análise de crianças, estas não conseguem oferecer muitos dados a respeito da história de sua doença, pois está muito envolvida em seu presente. O analista, então, vai solicitar as informações com os pais da criança.

Golse (1998) relata a visão de Anna Freud a respeito do jogo. Este inicia-se sob a forma de um jogo erótico com o corpo, que pode estar relacionado com seu próprio corpo ou com o de sua mãe (através da amamentação, por exemplo). Em seguida, este jogo erótico se transfere do seu próprio corpo ou o da sua mãe, para um objeto de sua preferência. Assim, dará origem ao objeto transicional que servirá de apoio à ambivalência da criança, mas com o tempo irá perder sua importância e vai dar seu lugar aos jogos que podem ter brinquedos de movimento, de montar, de esvaziar, entre outros. Desta forma, Golse completa que “a disposição para o jogo transforma-se, enfim, em disposição para o trabalho graças a secundarização do pensamento” (p.55).

Anna Freud (1971) descreve a interpretação dos sonhos como uma de suas técnicas para trabalhar com as crianças. É muito mais fácil interpretar os sonhos delas, além de ser fácil fazer as crianças interpretá-los. Ela se diverte ao tentar buscar os elementos individuais como se fosse um enigma. Outra técnica é o desenho, na qual é possível tirar conclusões dos seus impulsos inconscientes. Mas é fundamental ressaltar que as crianças não se utilizam da associação livre, e, em vista disso é necessário empregar outra técnica para analisá-las.

Geets (1977) relata que Anna Freud nunca desvalorizou a técnica do brincar elaborada por Melanie Klein e ainda reconheceu sua importância para o trabalho com as crianças que ainda são incapazes de dominar a linguagem. Através desta técnica, a criança pode manipular sem receio o ambiente formado pelos brinquedos e, assim, realizar nele todos os atos que no mundo real, tão maior do que ela própria, permaneceriam limitados a uma experiência de fantasia. Seguindo o ponto de vista desse autor, Anna Freud (1971) afirma que as ações das crianças juntamente com os materiais utilizados nessa técnica de análise infantil através do brinquedo são equivalentes à associação livre. Portanto, o analista é capaz de obter informações suficientes para elaborar a interpretação, sem a necessidade da vontade ou capacidade da criança de se expressar pelas palavras.

Segundo Anna Freud (1971), para a análise de crianças a transferência é indispensável, pois elas necessitam de uma pessoa de confiança, alguém que elas amem, e só assim vão passar a acreditar nela e poder realizar alguma coisa com a intenção de agradá-la. Logo, essa vinculação afetiva é mais exigida na análise infantil do que na análise de adultos visto que com os adultos é possível levar uma análise com transferência negativa durante um determinado tempo, mas essa vinculação negativa com crianças é inconveniente e deve ser resolvida o mais cedo possível.

A mesma autora ainda ressalta a importância do conhecimento que o analista deve ter, tanto teórico quanto prático acerca da educação e cuidados das crianças. Com uma

avaliação do ambiente externo é possível analisar e criticar a influência pedagógica sob a qual esta criança está sendo submetida e, a partir daí, retirá-la da esfera daqueles que a criam, observando antes se há mesmo uma necessidade e, durante o processo analítico, assumir ele próprio a responsabilidade dessa educação.

2.2.2 Teoria de Melanie Klein.

Geets (1977) alega que foi no ano de 1921 que Melanie Klein adaptou a técnica analítica à psicologia infantil. Nesse ano foi publicado um importante artigo de Hermine von Hugg-Hellmuth, que recomenda o uso de brinquedos e desenhos para estabelecer com a criança pequena uma comunicação efetiva e profunda. Esta possui um vocabulário escasso para ser interpretado e impróprio para estabelecer um tratamento baseado na linguagem devido a associações pobres, o que impossibilita o analista de chegar às camadas mais profundas do psiquismo da criança. Mas é interessante ressaltar que Melanie Klein só conservou a técnica lúdica dos brinquedos do autor desse artigo e, a partir disso, ela cria uma teoria dos brinquedos e, afirma ser possível e indispensável analisar crianças. Além de possuir um vocabulário escasso, há também outra dificuldade em relação à análise infantil. As crianças possuem frágeis relações com a realidade e não são motivadas a manter uma análise, já que, geralmente, não tem consciência nenhuma de sua doença, de estar em análise e, por conseguinte, também, de obter uma cura.

De acordo com Klein (1997) a criança expressa seus desejos, fantasias e experiências vividas de um modo simbólico, através de brincadeiras e jogos. Para fazê-lo emprega a linguagem arcaica, a mesma linguagem utilizada nos sonhos. A autora percebeu que podia ter acesso ao inconsciente infantil quando deparou que a interpretação da brincadeira da criança era semelhante àquela que Freud deu aos sonhos. O conteúdo do brinquedo, os comportamentos ao brincar, pode ser comparado com a incoerência que se encontra nos

sonhos, mas que traz valiosas informações e revela-nos o sentido que está oculto, pois é a principal via de acesso ao inconsciente.

Pode-se dizer que o brincar é o meio mais importante que a criança utiliza para se expressar, além de lhe trazer um grande alívio (Klein, 1997). Mas para Klein (1982) os brinquedos não são os únicos meios para a realização de uma análise, pois é muito comum observar pintura, recorte, colagem, modificações no comportamento e, desta forma, também obter informações para realizar interpretações e perceber o que acontece na mente da criança. As informações fornecidas pelos pais também constituem um material significativo para análise.

Geets (1977) descreve que na ótica kleiniana, a criança utiliza-se dos brinquedos para dominar as situações árduas que a realidade lhe impõe e, a partir disso, transforma-as em situações agradáveis, além de mostrar a relação que a criança tem com o mundo real, seja ela boa ou ruim. Para Klein (1982) “cada criança usa os símbolos em conexão com suas emoções e ansiedades particulares, e em relação ao contexto dentro do qual esses dados se apresentam na análise. Quando simplesmente generalizadas, as traduções dos símbolos perdem todo sentido” (p. 134).

Se houver brinquedos disponíveis para uma criança, dificilmente ela vai ignorá-los, mesmo esta sendo uma criança inibida para brincar. Mas de acordo com Klein (1982), mesmo que a criança rejeite o brinquedo, ela dará ao analista elementos que o farão compreender as razões para ter feito isso. Geets (1977) afirma que, para Melanie Klein, a inibição ao brinquedo é o sintoma mais evidente de perturbações psicológicas e, isto, determina todas as outras formas de inibição, tais como, inibições das atividades escolares, motoras, lúdicas, entre outras.

Klein (1997) destaca que a criança durante a análise age mais do que fala, pois a ação é mais natural para ela do que o domínio da linguagem, ou seja, coloca atos em lugar de

palavras, mas em alguns momentos conversa com o analista, o que tem o valor de genuínas associações. Desta forma, a análise conduz sempre a desvendar a ação da culpa, cujo caráter é extremamente precoce e isso pode ser observado em crianças de dois anos de idade.

Por fim, Klein (1982) salienta que a criança, mesmo pequena, tem capacidade para compreender as interpretações feitas durante a análise, e isso só poderá ocorrer se o analista lhe oferecer interpretações de um modo bem simples, inclusive utilizando expressões infantis.

Do mesmo modo que Anna Freud, Melanie Klein também desenvolveu seu trabalho na clínica, mas contribuiu muito com sua teoria sobre o brincar. Transpondo suas idéias para o processo de ensino-aprendizagem, pode-se notar que o brincar auxilia muito na expressão dos sentimentos da criança. À medida que pode “colocar” para fora o que sente, a criança pode relaxar e posicionar-se de forma mais aberta para a aprendizagem.

2.2.3 Teoria de Donald Woods Winnicott.

Abram (1996) relata que Winnicott reconheceu a técnica do brincar através de suas experiências clínicas. Foi desta maneira que ele desenvolveu ferramentas diagnósticas como o jogo da espátula (observação da reação de bebês frente uma espátula brilhante) e, posteriormente, o jogo dos rabiscos (o qual utilizava sempre em sua primeira entrevista de avaliação com as crianças). Essas ferramentas levaram Winnicott à compreensão da natureza do objeto transicional. Este objeto é utilizado pela criança, particularmente no momento em que ela vai dormir, em seu processo de abandono do estágio de dependência absoluta para o estágio de dependência relativa e está associado ao brincar e à criatividade. É interessante ressaltar a importância do uso que a criança faz desse objeto e não do tipo de objeto que está sendo utilizado. Esse objeto transicional ajuda a tolerar a angústia da separação e a ausência materna, ou seja, ajuda a criança a se relacionar com o mundo real. Quando a criança tem uma

rica imaginação é um indicativo de que ela faz uso dos fenômenos transicionais, e, também, é um sinal de saúde.

Para Winnicott (1982) o brincar é uma atividade que oferece prazer à criança. Esta é capaz de inventar uma brincadeira com qualquer objeto disponível. Mas ao mesmo tempo em que é fácil perceber o prazer proporcionado à criança ao brincar, é difícil perceber que elas brincam para dominar sua angústia, controlar idéias ou impulsos que conduzem à angústia.

Segundo Winnicott (1982) pode-se distinguir as brincadeiras infantis naquelas que são de “Mães” e naquelas que são de “Pais”. A mãe passa a maior parte do tempo em casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos. Portanto, a criança tem uma visão mais clara dessas atividades, se familiarizando com elas por estar sempre por perto. Já o pai trabalha fora e a criança não tem contato com essa atividade, assim como os hobbies que ele realiza em suas horas vagas. Mas essas atividades do pai ampliam os horizontes do mundo da criança, pois esta não as presencia como as atividades domésticas. Deste modo, é importante a participação do pai nas brincadeiras infantis quando possível, pois é neste momento que o pai pode acrescentar elementos valiosos adquiridos no mundo às brincadeiras, além de terem a percepção de brinquedos e mecanismos que ajudam as crianças em suas brincadeiras sem interromper o curso natural da sua imaginação. Infelizmente, há aqueles pais que parecem esquecer o seu papel e, ao comprar brinquedos para seus filhos, os proíbem de brincar para não quebrarem ou gostam tanto do brinquedo que eles próprios brincam.

A ansiedade, assim como a agressividade são fatores constitutivos do brincar. A ansiedade é controlada por meio do brincar e, se a criança estiver brincando com o intuito de lidar com essa ansiedade, o adulto deve ter sensibilidade ao interromper essa atividade (Abram, 1996). Em relação à agressividade, Winnicott (1942, citado em Abram, 1996) expõe que normalmente as pessoas acreditam que seja algo nocivo quando observam a criança descarregar essa agressividade no brincar. O autor assegura que em parte essa afirmação é

verdadeira, mas se a criança expressar esse ódio e essa agressão de uma maneira aceitável, ela perceberá que o ambiente tolerará esses sentimentos.

É através das experiências de vida que os adultos se desenvolvem, diferente das crianças que o fazem através das suas próprias brincadeiras e fantasias. Desta forma, é através da brincadeira que a criança adquire experiências. Outra comparação que pode ser feita é com relação aos laços sociais nos quais o adulto constrói amizades e inimizades em diferentes contextos e, de início, a brincadeira é uma atividade solitária da criança, pois esta não procura outras crianças para brincar. É através do brincar que ela faz amigos ou inimigos, pois dificilmente o faria em outro contexto. A partir daí é que se inicia o desenvolvimento das relações sociais (Winnicott, 1942, citado em Abram, 1996)

Winnicott (1975) afirma que além de conduzir aos vínculos sociais, o brincar é o meio utilizado na psicoterapia para a comunicação com a criança, promovendo também o crescimento dela, proporcionando-lhe saúde. É por meio dele que a criança expõe seus pensamentos, idéias, pois esta não consegue se expressar bem através das palavras. Pode-se afirmar ainda que o brincar é fundamental para o seu desenvolvimento porque é por meio dele que a criança demonstra a sua criatividade. O autor conclui que é somente através do brincar que a criança e o adulto tornam-se capazes de descobrir e fortalecer o eu (self).

Winnicott, assim como Anna Freud e Melanie Klein, também enfocou seu trabalho na clínica infantil e mais uma vez podemos observar como sua teoria é importante para compreender como utilizar os jogos e brincadeiras dentro do contexto escolar, pois se a criança estiver menos ansiosa e mais motivada, é certo que terá mais liberdade para aprender.

A teoria de Vigotski enfoca na participação social na formação das funções psicológicas superiores. Piaget desenvolveu trabalhos no campo da inteligência. Wallon, com sua teoria complexa, busca compreender, em cada fase do desenvolvimento, a relação entre a criança e seu ambiente, além de contribuir muito para o psiquismo humano. Anna Freud

fundou a psicanálise infantil. Melanie Klein criou a psicanálise de crianças por meio da técnica do brincar. Essas duas autoras convergiam em algumas idéias, mas contribuíram para o crescimento da clínica infantil, bem como dando importância para o brincar. Winnicott decidiu adotar uma redação mais livre de forma que fosse compreendido por todos, se afastando do estilo acadêmico. Após toda essa distinção teórica, e de alguns pontos de vistas serem semelhantes ou não, pode-se observar a contribuição desses autores em relação à importância do brincar para o desenvolvimento infantil. Mas para um maior conhecimento no aspecto escolar, o próximo capítulo irá abordar autores que enfocam a educação, sem se afastar do desenvolvimento infantil.

Capítulo III - A Importância do Brincar no Contexto Escolar

Macedo, Petty & Passos (2005) afirmam que o brincar está presente na vida das crianças e é sua principal atividade. Através dele a criança tem a possibilidade de aprender consigo mesma, com as pessoas que se envolvem na brincadeira e com os objetos. Assim, pode-se dizer que o brincar é um excelente meio de aprendizagem.

A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo. Ela dá alegria, liberdade, descanso interno e externo... A criança que brinca sempre, com determinação auto-ativa, preservando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção do seu bem e de outros... Como sempre indicamos, o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação (Froebel, 1912c, p. 55, citado em Kishimoto, 2002a, p. 68).

Para Chateau (1987) é através do brincar que a criança adquire aprendizado para a vida adulta. Em vista disso, se uma criança joga bastante crescerá mais bem dotada do que aquelas que não querem jogar e, como consequência, sua personalidade não se afirmará, crescerá sem condições de pensar, será um ser sem futuro e sem determinação e, não se importará em continuar pequena e frágil.

É importante saber a diferença dos termos brinquedo, brincadeira e jogo, para não tratá-los com o mesmo significado ou empregá-los como sinônimos. Para Brougère (1981, citado em Kishimoto, 2002b) o brinquedo deve ser entendido como todo objeto utilizado de diferentes maneiras no brincar pela criança desde que este tenha uma função lúdica e funcione

como um suporte para a brincadeira. A brincadeira, de acordo com Kishimoto (2002b) é relatada como um procedimento organizado que possui regras. Em relação ao termo jogo, ele é empregado para designar tanto o objeto quanto as regras, sendo que essas regras definem a situação lúdica e o objeto não pode ser utilizado de qualquer maneira, ou seja, há um contexto envolvido.

Segundo Macedo et al. (2005) o jogo em si é uma atividade séria e não apenas um mero divertimento. A criança se engaja nele de uma forma tão intensa que não admite gozações, tão pouco conversas paralelas, permanecendo concentradas, atentas, interessadas e envolvidas na atividade. Mas Kishimoto (2002b) afirma que a criança quando brinca não pensar em realizar aquela atividade com o intuito de adquirir algum conhecimento ou desenvolver alguma habilidade ou atitude. Brinca pelo divertimento, pelo prazer, pelo desafio do momento.

Para Almeida (2003) e Chateau (1987), o jogo também é considerado uma atividade séria, mas que exige um determinado esforço, assim como a educação. Esta precisa ser prazerosa para conseguir envolver e interessar seus alunos. O processo de aprendizagem com atividade lúdica é, muitas vezes, exaustivo, o que consome a energia das crianças e prova o seu valor, pois jogos muito fáceis têm a tendência da criança perder rápido o encanto e acabar desprezando-o.

Contudo, Macedo et al. (2005) relatam que a verdadeira importância da inclusão do lúdico na educação não é apenas o jogar, não é apenas a brincadeira em si, embora seja essencial, mas um recurso que considera os desejos, necessidades de expressão e outros valores exigidos para implementar um projeto educativo. É importante também uma reflexão a respeito das consequências da ação de jogar, para fazer do jogo um recurso pedagógico que permita a aquisição de conceitos e valores essenciais à aprendizagem.

Na Grécia Antiga, alguns dos maiores pensadores já mencionavam a grande importância do papel do jogo na educação. Um deles era Platão que afirmava a necessidade da educação de crianças desde pequenas (a partir de sete anos de idade), com o uso de jogos que imitassem atividades sérias do mundo dos adultos, que ensinassem valores, conhecimentos, normas dos padrões de vida e, com o tempo, jogos para o ensino do cálculo, da leitura e da escrita. Mas com o advento do Cristianismo, os jogos foram recriminados por serem considerados profanos e imorais. Foi no século XVI que houve uma reformulação do valor do jogo como atividade educativa e, este, foi reincorporado no cotidiano das pessoas (Almeida, 2003).

Kishimoto (2002b) relata que a visão dos adultos em relação à criança e a instituição de ensino poderia distorcer a necessidade do uso dos brinquedos e dos jogos em sala de aula. Sabe-se que a escola tem um papel a cumprir, um objetivo a ser alcançado e o aluno tem a tarefa de adquirir conhecimentos e habilidades. Assim, o uso do brinquedo em sala de aula não seria utilizado apenas para a criança obter prazer ou gastar suas energias, pois não atingiria o objetivo da instituição, mas seria utilizado para alcançar um resultado, para a busca de objetivos pedagógicos. Após ser compreendido o verdadeiro sentido do lúdico e, com o intuito de conciliar o brincar e a educação, surgiram os jogos educativos. Vale ressaltar que foi através do idealizador do jardim de infância, Froebel, que o uso dos jogos e dos brinquedos foi adicionado ao currículo da educação infantil para a criança aprender conceitos e desenvolver habilidades. Desde 1980 que o método lúdico para alfabetizar crianças vem sendo aplicado no Brasil.

Brougère (1998) entende o jogo educativo como um suporte da atividade didática visando objetivos como a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades. Pode-se dizer que é uma mistura de ação lúdica e orientação do professor, ou seja, é a incorporação da função lúdica e da educativa. O autor enfatiza a importância de se distinguir

os jogos educativos dos jogos livre. O primeiro refere-se a um recurso pedagógico utilizado pelo professor, ou seja, vai empregar o jogo como um meio para levar até a criança uma mensagem educacional e será um fim em si mesmo para a criança que só quer brincar e obter prazer, já o segundo preserva a liberdade da criança, onde o jogo não possui nenhum benefício educativo além de uma fuga para o imaginário.

Macedo et al. (2005) concordam que para as crianças, as tarefas ou atividades realizadas durante uma brincadeira ou um jogo não são meios para outros fins, mas são fins para si mesmo. Isso acontece porque a criança não brinca pensando no seu futuro ou no seu desenvolvimento intelectual, físico, pessoal, social ou afetivo, mas brinca porque é divertido, porque obtém prazer e é um modo de estar junto com os colegas em um contexto que faz sentido, mesmo muitas vezes sendo algo que lhe traga sofrimento ou frustração como, por exemplo, testar certa habilidade, perder uma jogada, exercitar certo domínio ou vencer um desafio.

Retomando ao jogo educativo, Kishimoto (2002b) afirma que ele possui duas funções: (a) função lúdica é aquela na qual a criança se diverte e obtém prazer ou até mesmo desprazer, se o jogo não for escolhido de uma maneira adequada e, (b) função educativa é aquela que o jogo possibilita o ensino de conteúdos, ou seja, há uma aprendizagem. O objetivo principal do jogo educativo é o equilíbrio dessas duas funções, visto que, se houver o desequilíbrio o jogo perde seu papel e, ou fica apenas com a função lúdica (não transmite conceitos educacionais) ou apenas com o ensino (o brinquedo torna-se material pedagógico ou didático, sem proporcionar prazer).

Apesar do jogo ter a função lúdica, não pode ser negado a sua função educativa e, em vista disso, o jogo não deve ser interpretado apenas como divertimento para esgotar com a energia da criança ou mantê-las ocupadas. O jogo tem uma enorme importância a longo

prazo, pois favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, social e moral da criança (Ide, 1997).

Dohme (2003) concorda com Ide (1997) que no processo educacional, muitas habilidades e atitudes são desenvolvidas através das atividades lúdicas. Dohme (2003) relata que os jogos não operam apenas no desenvolvimento físico das crianças, operam também em outros aspectos não tão amplos, mas não menos importantes, como o desenvolvimento afetivo, social e intelectual, além de serem um recurso enriquecedor, por isso imprescindível à prática educativa. Os jogos para o desenvolvimento físico são aqueles que usam a força (escalar, correr), ou também a psicomotricidade fina (encaixar uma linha na agulha), os movimentos do corpo ou o uso dos sentidos (jogo da memória, distinguir cheiros). Para o desenvolvimento intelectual devem ser utilizados aqueles jogos que requerem pensamento abstrato, raciocínio, inteligência (cálculo, charada). Os desenvolvimentos afetivo e social aparecem com a própria atividade lúdica, pois é um momento de cooperação, competição, interação e envolvimento com outras pessoas, na qual propicia o surgimento das amizades. É através dos jogos que aparecem as relações sociais da criança.

O jogo ao ocorrer em situações sem pressão, em atmosfera de familiaridade, segurança emocional e ausência de tensão ou perigo, proporciona condições de aprendizagem das normas sociais em situações de menor risco. A conduta lúdica oferece oportunidades para experimentar comportamentos que, em situações normais, jamais seriam tentados pelo medo do erro ou punição (Kishimoto, 1998, p. 140, citado em Dohme, 2003, p. 87).

A atividade lúdica também tem a capacidade de propiciar o desenvolvimento pessoal da criança tanto através da autodescoberta, como através da autoconfiança, do senso crítico e

das habilidades de expressão. De acordo com Dohme (2003), o desenvolvimento pessoal funda-se em um processo de autodescoberta, onde a criança irá desvendar as suas potencialidades e as suas limitações. Quando a criança joga, é inevitável que faça comparações sobre suas possibilidades e a dos seus colegas de classe. Portanto, para ela é difícil lidar com essas descobertas, principalmente com aquilo que possui menos habilidade, mas com a utilização da atividade lúdica este processo de comparação pode se tornar agradável, divertido e criar um clima de companheirismo, sobretudo se o educador souber mesclar as atividades que requerem habilidades de diferentes tipos para não ocorrer a superioridade de uns sobre os outros.

A autoconfiança será muito importante para as decisões futuras da criança, especialmente quando ela precisar vencer desafios mais audaciosos, além de ter um melhor relacionamento em equipe. Quando cada pessoa conhece suas potencialidades e limitações o grupo é capaz de analisar e tirar proveito desses elementos e, tudo isso pode ser feito através de uma atividade lúdica (Dohme, 2003).

A mesma autora enfatiza a dificuldade das crianças e dos jovens de emitirem suas opiniões em razão do ambiente em que vivem, o qual bloqueia e até os intimidam ou envergonham-nos de ter idéias próprias. Em vista disso, é importante o empenho nas atividades lúdicas, como a análise de histórias infantis, que desenvolvam o exercício de pensar, de interpretar, mesmo em crianças pequenas. Em relação à habilidade de expressão, esta pode ser demonstrada por meio da linguagem ou do corpo, mas em um ambiente propício e motivador com atividades lúdicas de dramatização e de música. A dramatização é um trabalho importante para a desinibição, construção da auto-estima e desenvolvimento da comunicação, essenciais para uma pessoa enfrentar um grande público em oportunidades futuras. Já a música trabalha o interior humano, exercita o pensamento e a concentração, além

de ser um convite à participação, podendo romper as barreiras da timidez e da falta de confiança.

Macedo et al (2005) afirmam que existem aquelas crianças que perderam o interesse em aprender os conteúdos escolares, mas com a utilização de jogos nesse contexto é possível recuperar essa vontade, mesmo os jogos se distanciando das tarefas escolares em alguns sentidos, como no conteúdo, por exemplo. Muitas vezes, ao falar para os alunos que eles conseguem se concentrar nas tarefas escolares como eles conseguem se concentrar no jogo pode ser um incentivo à reflexão e, a partir daí, eles aprendem que os recursos utilizados durante o jogo são características deles, e assim, são capazes de transferi-los para outros contextos.

Moyles (2002) aponta a importância de cometer erros no processo de aprendizagem. O ser humano é suscetível a erros, mas a criança nem sempre entende isso como a oportunidade de aprender e pode interpretá-lo como fracasso. Isso pode inibir a sua participação em atividades propostas na escola e ela pode tornar-se apenas uma observadora passiva, tendo como consequência a perda da auto-estima. A criança necessita desenvolver confiança para lidar com as novas experiências que lhe serão apresentadas, entretanto, é importante explicar para ela o que significa não ter sucesso, mesmo em tenra idade. O brincar lhe proporcionará um grande benefício através da aprendizagem pelo erro e estimulará a exploração e a solução de problemas. O jogo, por ser livre de ameaças, pressões e avaliações, possibilitará essa exploração e busca de soluções, pois a aprendizagem deve ser um desafio estimulante e prazeroso e sem ocasionar constrangimentos à criança quando se erra.

De acordo com Chateau (1987) o jogo é tão importante na vida da criança como o trabalho é para o adulto. O jogo é apenas um substituto do trabalho, pois a criança é incapaz de realizar essa atividade. É a partir do jogo que a criança tem a aquisição de regras, a integração em grupos sociais, entre outros aprendizados. Mas uma educação não poderia ser

unicamente baseada no jogo, ou então a criança viveria sempre num mundo ilusório e isto a isolaria da vida. Por outro lado seria uma educação também insuficiente se fosse baseada simplesmente no trabalho, no sentido da produção de resultados, pois isto destruiria o sentido da vida dentro da criança e a mesma perderia a construção e satisfação do próprio viver. Desta forma, entende-se que as habilidades e conhecimentos adquiridos pela criança em um jogo servirão para o seu desempenho do trabalho e vão prepará-la para a vida adulta. Por fim, há uma compreensão maior a respeito da importância do jogo na educação das crianças comparando-o com o trabalho adulto.

Em vista de todos esses fatores que são desenvolvidos com o uso da atividade lúdica, Dohme (2003) expõe que um dos papéis do educador é possibilitar ao aluno oportunidades que vão lhe garantir o desenvolvimento de suas habilidades e, assim, potencializá-las para o uso em sua vida. Assim, o educador valoriza as habilidades que o educando possui e oferece-lhe condições de se desenvolver, mas não deve esquecer-se das limitações, pois estas não podem ser consideradas como obstáculos que impedem o desenvolvimento, mas perceber a importância de serem conhecidas para, conseqüentemente, serem superadas, minimizadas ou substituídas por outras. Deste modo, é possível perceber a influência que isto ocasiona no que e como o aluno irá aprender. Por outro lado, Penteado (1997) enfatiza a importância da capacidade do educador de se relacionar com o aluno de uma forma apropriada para o processo de ensino-aprendizagem ser efetivo.

Outra tarefa do educador é selecionar, para o momento educativo, as atividades apropriadas aos estágios de amadurecimento em que cada criança se encontra e isso só será possível ao analisar antes os objetivos que pretende alcançar com o jogo escolhido, portanto, estará pensando nas conseqüências de sua atitude para o desenvolvimento daquelas crianças. No final de cada atividade lúdica o educador terá condições de compreender o que a criança conseguiu realizar ou progredir por meio daquilo que brincou (Dohme, 2003).

Para Oliveira et alii (1992, p. 102, citado em Kishimoto, 2002a, p. 102), “o educador pode desempenhar um importante papel no transcorrer das brincadeiras se consegue discernir os momentos em que deve só observar, em que deve intervir na coordenação da brincadeira, ou em que deve integrar-se como participante das mesmas”.

Moyles (2002) complementa que o papel do educador é importante para a aprendizagem da criança e tem sido uma das preocupações frequentes da maioria dos profissionais de instituições infantis. É ele quem proporciona o ensino didaticamente e organiza o local para o desenvolvimento das atividades adequadas para a aprendizagem se tornar efetiva. O espaço deve ser amplo, conter diferentes tipos de brinquedos e comportar estantes que sejam acessíveis às crianças, de tal modo, elas terão liberdade e autonomia para buscar o que necessitam.

Para Galvão (1995) o local no qual a atividade deve ser desenvolvida, tanto lúdica quanto escolar, deve ser bem observada antes de ser iniciada. É importante verificar a dimensão do espaço, os materiais disponíveis, a duração do tempo, a disposição dos objetos para que tenham acesso fácil aos alunos, a seleção e os objetivos do tema, se a atividade será coletiva ou individual. Tudo isso é necessário para o bom andamento da atividade escolhida.

Campagne (1989, citado em Kishimoto, 2002b) afirma a importância da comunicação entre o adulto e a criança durante a brincadeira. Esta deve ser feita de uma maneira simples, na qual a criança entenda as características e possibilidades dos brinquedos para prováveis explorações e ampliação do seu referencial infantil. Outro ponto que o autor ressalta é a questão dos educadores participarem das brincadeiras. Essa dimensão corporal é essencial para estimular a criança a se engajar na atividade, realizar tais ações e se aproximar do educador.

Para que todo esse processo se torne uma aprendizagem efetiva, para que as expectativas e solicitações da aprendizagem sejam compreendidas, o educador precisa estar

atento, observar, avaliar e registrar o progresso e desenvolvimento de seus alunos. Não é suficiente um ambiente com diferentes tipos de brinquedos educativos, se não há um facilitador que possa tornar aquela atividade em um aprendizado. O educador precisa saber transformar o uso dos brinquedos simples ou educativos em oportunidades de exploração e reflexão. Não basta apenas brincar, o educador precisa fazer reflexões a respeito dos objetivos da brincadeira realizada para provocar um aprendizado na criança, desta forma, estará fazendo jus às finalidades pedagógicas. Enfim, o educador se torna o mediador entre as brincadeiras e as reflexões (Antunes, 2003).

Mas Almeida (2003) adverte ainda que todo esse processo só terá um sentido funcional para a educação lúdica se o educador tiver formação profissional adequada, capacidade para transmitir o conteúdo ou as atividades, conhecimento acerca das suas aptidões e suas capacidades, consciência da sua função e predisposição para levar tudo isso adiante. Caso contrário, não produzirá efeito no desenvolvimento da criança e poderá até acarretar frustrações ou insatisfações, pois é o educador que tem a capacidade de distinguir as características de cada aluno e de lhes proporcionar aprendizagem.

Por mais que apareça no discurso dos adultos a importância da escola para o desenvolvimento da criança, para ter um futuro bem sucedido, Macedo et al. (2005) relatam que elas ainda não são capazes de compreender tal afirmação por não possuírem recursos cognitivos suficientes para isso e por ser algo muito abstrato e distante da realidade delas. Para convencê-las da necessidade de frequentar a escola é preciso que esta valorize as atividades lúdicas em seu processo de aprendizagem e não seja vista como uma obrigação. Desta forma a perspectiva da criança é considerada, pois o brincar é a sua principal atividade durante a infância. Assim, é possível romper as resistências, os desinteresses e as limitações que tornam a escola, muitas vezes, um lugar sem sentido para as crianças.

Almeida (2003) complementa que os alunos, ao simpatizarem com os professores, fazem de tudo para agradá-los e, conseqüentemente, se esforçam cada vez mais para aprender e não os decepcionar, não apenas porque gostam deles, mas porque descobrem neles uma verdadeira fonte de informações. Só um motivo muito forte para a criança deixar de ir à escola, pois quando sente que é amada e respeitada, a tendência é sua permanência nela. O mesmo acontece com os professores quando percebem que despertaram o interesse dos alunos nos estudos. Estes, da mesma maneira, buscarão aprimorar seus conhecimentos para transmitirem o conteúdo aos alunos de maneira clara e compreensível.

Depois desse estudo teórico, pode-se inferir a necessidade de se incluir o brincar no currículo da educação infantil e das séries iniciais. O brincar é uma atividade muito importante para o desenvolvimento da criança, além dela se identificar e conseguir mostrar seus desejos e significados, ou seja, o brincar possibilita que a criança se constitua como sujeito de suas próprias ações e a prepara para a vida adulta. O brincar das crianças deve ser valorizado como algo além de uma atividade ociosa. Desta forma, o capítulo seguinte trará um estudo que visou investigar concepções de uma psicóloga escolar e de uma educadora da pré-escola acerca da importância do brincar para o desenvolvimento infantil no contexto escolar.

Capítulo IV - Discussão Teórico-Prática: O Brinquedo como Recurso de Aprendizagem

4.1 Metodologia

4.1.1 Método.

A metodologia é uma importante ferramenta do pesquisador, constituindo um roteiro a ser seguido para o desenvolvimento da pesquisa. A base metodológica que embasará esse trabalho é a pesquisa qualitativa em psicologia, capaz de apreender a complexa rede de significações oferecida pelos participantes, pois o essencial nesta pesquisa é a produção de pensamento, onde, para González Rey (2005) tanto o pesquisador quanto as pessoas que fazem parte da pesquisa, são sujeitos desse processo.

A relação pesquisador-pesquisado é muito importante para o processo de produção de conhecimento. A partir do momento em que o sujeito se defronta com a situação de participar de um estudo, já é suficiente para afetar de várias maneiras o seu envolvimento na pesquisa e gerar diversos estados emocionais, inclusive a presença do pesquisador. Mas isso é totalmente aceitável, pois é a condição subjetiva do indivíduo diante de uma situação de estudo. Desta forma, é necessário estabelecer uma ótima relação com o pesquisado para que este se sinta bem, confiante e motivado para com a sua participação e seja determinante para sua capacidade de expressão no decorrer dela (González Rey, 2005).

De acordo com o mesmo autor, a metodologia qualitativa não se preocupa com a quantidade de sujeitos utilizados em sua pesquisa, mas com a qualidade de sua expressão. Essa quantidade de sujeitos é avaliada no decorrer do estudo por um critério qualitativo, ou seja, só se o processo de conhecimento não for suficiente e houver a necessidade da participação de mais sujeitos.

A pesquisa qualitativa se debruça sobre o conhecimento de um objeto complexo: a subjetividade, cujos elementos estão implicados simultaneamente em diferentes processos constitutivos do todo, os quais mudam em face do contexto em que se expressa o sujeito concreto. A história e o contexto que caracterizam o desenvolvimento do sujeito marcam sua singularidade, que é expressão da riqueza e plasticidade do fenômeno subjetivo (González Rey, 2005, p. 51).

Ainda conforme González Rey (2005), a subjetividade é o foco do pesquisador qualitativo, que se caracteriza como expressão da cultura e parte constitutiva da mesma, sendo considerada como um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos. A subjetividade, a emoção, a individualidade, a contradição que se realiza na experiência interativa entre o sujeito e o pesquisador é o foco fundamental neste tipo de produção científica. Não se pode ter acesso direto à subjetividade, apenas através da produção de pensamento de cada sujeito, ou seja, é constituída de forma diferenciada, por isso ela é vista como um desafio quando se é estudada.

Portanto, a pesquisa qualitativa mostra-se fundamental para o presente estudo, pois se aprofunda num mundo de significados importantes para o entendimento da importância do brincar para o desenvolvimento infantil no contexto escolar.

Assim que foi delimitado o tema da monografia era preciso elaborar um projeto de pesquisa, mas antes de realizar qualquer produção ou coleta de dados, foi solicitada verbalmente e por telefone a autorização para as entrevistas com a psicóloga escolar da instituição escolhida e não houve restrições. Após essa autorização, foi elaborado o projeto de pesquisa que teve como finalidade a definição dos objetivos e procedimentos da pesquisa. Este foi julgado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB e aprovado no dia 09/09/2008 pelo projeto CAAE 3018/08 (ver Anexo). Esse procedimento era

necessário, pois a pesquisa envolvia seres humanos. Logo após a aprovação a pesquisadora foi até a instituição para confirmar a sua participação e marcar as entrevistas. Estas ocorreram no mês de outubro de 2008, sendo feitas de acordo com a disponibilidade de horário de cada entrevistado.

Participaram da entrevista dois profissionais da instituição estabelecida; uma educadora da pré-escola e uma psicóloga escolar. Os participantes entraram em contato com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice B) para o pleno conhecimento da natureza e objetivos da pesquisa e de seus direitos a respeito do comprometimento com a mesma. Houve um esclarecimento inicial e logo após os entrevistados assinaram-no para participar, registrando formalmente que concordaram com as normas de participação. Em seguida, foram realizadas as entrevistas.

4.1.2 Procedimento.

Foi utilizado como instrumento para a coleta de dados um roteiro de entrevista individual semi-estruturado (ver Apêndice A), com o objetivo de levantar opiniões a respeito da importância do brincar para o desenvolvimento infantil no contexto escolar. Este roteiro era formado por perguntas abertas de forma que estas foram feitas de acordo com o fluxo da conversa, onde o entrevistador pôde, com ele, direcionar o assunto para os pontos mais relevantes da pesquisa. Assim pôde-se obter o máximo de informações sobre os mesmos. Segundo González Rey (2005), esse método de perguntas abertas, pouco estruturadas, ou seja, um diálogo entre o entrevistado e o entrevistador, cria um ambiente mais favorável ao surgimento de informações sem a influência nas respostas ditas pelo entrevistado, o que acontece nas perguntas fechadas construídas pelo entrevistador. O diálogo não é apenas para aliviar as tensões dos participantes e favorecer o bem estar emocional, promovendo assim

uma maior intimidade entre eles e o pesquisador, mas é também uma das fontes principais na produção de pensamento.

Nessas entrevistas foram levantados questionamentos sobre o trabalho de cada participante, o ambiente da escola, a importância do brincar e de tarefas escolares e a utilização de atividades lúdicas no contexto escolar. Os dois participantes relataram as suas experiências dentro do próprio ambiente de trabalho.

As entrevistas foram gravadas para uma coleta minuciosa, transcritas e digitadas literalmente para posteriormente serem confrontadas com a fundamentação teórica do trabalho. Para Gonzáles Rey (2005, p. 61), “a teoria é condição para dar sentido a fenômenos inacessíveis de forma direta ao pesquisador. Os fenômenos complexos, entre eles a subjetividade, só aparecem como objetos de estudo da ciência graças ao desenvolvimento teórico”. Mas ela não é uma verdade absoluta a qual se esgota um estudo. Pode-se dizer que a teoria é uma ferramenta questionável, sendo assim, capaz de produzir novas idéias, onde o sujeito é visto como um co-participante precioso a partir da sua produção de pensamento.

As entrevistas foram realizadas nas dependências da própria instituição de ensino, em uma de suas salas, pois era mais cômodo tanto para os entrevistados como para a entrevistadora, facilitando a concentração e a gravação. A sala foi utilizada quando se encontrava vazia para que houvesse uma melhor interação entre entrevistador e entrevistado, podendo fluir melhor a conversação. Apesar da movimentação das crianças durante o recreio, o barulho não atrapalhou a interação entre a entrevistadora e a entrevistada.

4.2 Resultados e Análise dos dados.

A seguir serão apresentados os resultados e discussões dos dados obtidos através das entrevistas com a psicóloga escolar e a educadora. Esses dados serão confrontados com a fundamentação teórica do presente trabalho.

A psicóloga escolar relata que seu trabalho nessa instituição de ensino está muito mais voltado para a comunidade escolar, ou seja, aos professores, funcionários em geral, mas também trabalha no acompanhamento dos alunos, principalmente os da creche, além de fazer parte também da equipe diretiva, que se refere ao trabalho na coordenação, onde são tomadas algumas decisões sobre assuntos relacionados à escola.

A educadora da pré-escola lida com crianças de cinco e seis anos que estão no jardim um. Ela é casada, graduada em pedagogia e trabalha na área há 18 anos. Segundo seu relato, ama o que faz e não trocaria a profissão por nenhuma outra. Relatou também que a sua monografia de graduação foi relacionada ao brincar.

A importância do brincar.

Como foi visto na abordagem teórica, a criança explora o mundo por meio do brincar, sendo este a sua principal atividade. É através dele que a criança expressa seu pensamento, suas idéias, pois não consegue se expressar bem através das palavras, além de exercitar sua criatividade, fantasiar, imaginar. O brincar não serve apenas como divertimento às crianças ou para fazer com que elas gastem as suas energias, mas é utilizado também como meio de aliviar suas angústias, sua agressividade, resolver seus problemas, controlar sua ansiedade. O brincar também é uma rica fonte de desenvolvimento em vários aspectos como o físico, intelectual, social, pessoal e afetivo, além de desenvolver habilidades e atitudes e ampliar sua percepção, suas idéias, sua criatividade, entre outros. É válido ressaltar que é por

meio do brincar que a criança inicia seus laços sociais. Através dele é possível transmitir também princípios, normas e estabelecer padrões, ou seja, a intervenção do adulto é essencial e enriquecedora nas brincadeiras infantis.

A psicóloga escolar discorre a respeito da importância do brincar em sua relação com os alunos: *“Todas as vezes que eu entro em contato com esses alunos, eu entro por meio do lúdico. Por meio de historinhas, por meio de brincadeiras, né, e proponho muito algumas brincadeiras para que os professores façam com seus alunos. E isso é importante para ter uma relação com a criança naquele primeiro contato com ela”*. Mas para que o brincar tenha a sua importância e função garantidas, precisa ser proporcionado situações que possam ser exploradas de diversas maneiras, podendo assim, tornar-se um recurso capaz de transmitir uma mensagem educacional à criança.

Conceito sobre o brincar:

Para a psicóloga escolar brincar é: *“É estar em contato com a fantasia, com o seu mundo interno e ao mesmo tempo com o conhecimento do mundo externo, né? Partindo do princípio que esses bebês e essas crianças que estão na primeira infância aqui na creche, eles também estão nessa constituição do eu e do mundo externo (...)”*. Nessa percepção nota-se uma característica da teoria de Winnicott, assemelhando-se então ao conceito em que o autor afirma que é somente através do brincar que a criança e o adulto tornam-se capazes de descobrir e fortalecer o eu (self). Já para a educadora o brincar tem outro sentido: *“Brincar pra mim é tudo. Brincar é você ficar feliz, brincar é você interagir com o outro. Brincar pra mim é você interagir com o outro mesmo. É você criar, é você fantasiar. O brincar é muitas coisas (...). Através do brincar a criança desenvolve o emocional, o cognitivo, o social, tudo isso”*. Pode-se ver que para ela o significado de brincar vem mais de sua experiência no trabalho, mas esse conceito se assemelha ao de Dohme (2003) onde mostra que no processo

educacional, muitas habilidades e atitudes são desenvolvidas através das atividades lúdicas. Essa autora garante que os jogos não operam apenas no desenvolvimento físico das crianças, operam também no desenvolvimento afetivo, social e intelectual, além de serem um recurso enriquecedor, por isso imprescindível à prática educativa.

O brincar proporciona à criança um ambiente livre para criar e nesse criar ela pode descobrir várias coisas novas. A criatividade é facilmente encontrada entre as crianças pequenas. Mas para ser criativo é necessário imaginação, autonomia, capacidade de brincar, autoconfiança, pois os resultados são desconhecidos. A educadora afirma: *“Aquele criança que brinca, interage mais. Esse ano eu tive um aluno, ele não tinha contato nem com o pé no chão. O pai achava que não era legal, e com o tempo, hoje em dia não, ele brinca a vontade. O primeiro dia que eu lembro, ele sujou a roupa, foi uma coisa assim. Depois a mãe veio conversar comigo e eu falei para ela: Desculpa mãe, mas ele vai se sujar, ele vai brincar, ele vai rolar. Hoje ela está bem mais tranqüila. É brincando que a criança interage”*.

No brincar utilizam-se habilidades que proporcionam oportunidades de ser criativo, sendo assim, ele exercita a criatividade. São nessas oportunidades criativas que as crianças expressam seu pensamento, suas idéias. É importante que os adultos valorizem o ato criativo da própria criança e não a recrimine querendo que ela faça algo padronizado pela sociedade. Essa criatividade deve ser bem estimulada tanto no meio familiar quanto no contexto escolar. Deste modo, Winnicott (1975) expõe que o brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança porque é por meio dele que a ela demonstra a sua criatividade.

O brincar e a preparação para a vida adulta.

Existem aqueles jogos que são suportes para a aprendizagem, mas também existem aqueles que preparam a criança para a vida adulta, ou seja, antecipam aprendizagens futuras. Os jogos podem proporcionar à criança o desenvolvimento da autonomia, da socialização, da

comunicação, do respeito pelo outro, do trabalho em equipe, da liderança, da interação com o outro, do seguimento de regras, do autoconhecimento, entre outros. Assim, os jogos preparam ou antecipam as aprendizagens futuras, as quais poderão ser efetuadas com mais facilidade, pois haverá uma base sólida vinda da infância.

A psicóloga escolar relata a importância do brincar na preparação para a vida adulta: *“As brincadeiras têm as regras e no mundo adulto tem algumas regras. Na brincadeira às vezes as crianças não gostam daquela regra, mas elas cumprem aquelas regras, no mundo adulto isso também acontece. Na brincadeira eu vejo o potencial de criação, da criatividade. Eu vejo que na brincadeira muitas crianças conseguem sensibilizar algumas coisas (...). No trabalho ele precisa ser criativo, ele precisa sensibilizar coisas muitas vezes e ter um olhar para cada situação”*.

O discurso da educadora em relação à essa importância do brincar é: *“A criança quando ela brinca, ela tenta se organizar, né. Eles têm autocontrole, tem autonomia. O brincar proporciona tudo isso. Você brinca de faz de conta, elas já vão direcionando qual é o seu papel. Você percebe quem é líder, você já percebe ali dentro do grupo. Hoje nós temos que trabalhar a criança para isso, no futuro trabalhar em equipe. Você percebe quem consegue trabalhar em equipe, quem lidera, quem interage numa boa com todos”*.

Em vista disso, há uma concordância com a definição de Chateau (1987) onde ele coloca que o jogo é tão importante na vida da criança como o trabalho é para o adulto. O jogo é apenas um substituto do trabalho, pois a criança é incapaz de realizar essa atividade. É a partir do trabalho que a criança tem a aquisição de regras, a integração em grupos sociais, entre outros aprendizados. Desta forma, entende-se que as habilidades e conhecimentos adquiridos pela criança em um jogo servirão para o seu desempenho do trabalho e vão prepará-la para a vida adulta.

O brincar como meio de antecipar as vivências e interações da criança ainda não atingidas no campo da linguagem.

Devido à falta de domínio da linguagem pela criança na infância, e de seu vocabulário escasso, é possível e às vezes até melhor utilizar certos tipos de brincar para que ela tenha uma compreensão maior de determinada atividade ou determinado assunto do que tentar ensinar algo através de explicações, pois esta ainda não desenvolveu o pensamento simbólico. A psicóloga concorda e afirma esse posicionamento mencionando um exemplo da sua vivência: *“Às vezes, ao conversar com a criança, né, a criança não consegue, talvez, captar aquilo, a mensagem, ou não tem a concentração suficiente, atenção suficiente para a conversa. Ahn, então eu percebo que por meio do lúdico, por exemplo, o uso de fantoches, né, ao invés da tia Maria falar, da tia fulana falar, o personagem fantoche, né, falar, passar mensagens há uma compreensão melhor”*.

O brincar é a realidade da criança, é sua principal atividade e é por meio dele que a criança expressa seu pensamento, suas idéias, sendo capaz de desenvolver um meio para se comunicar com o mundo adulto. Diante disso, explicar diretamente uma habilidade pode ser uma tarefa mais difícil e às vezes pode não ser tão efetiva quando o brincar. Desta forma, é possível verificar essas afirmações nos discursos de ambas as profissionais. A educadora expõe: *“A criança aprende muito mais através do lúdico, memoriza muito mais do que quando você está ali sentado o tempo todo. Ela aprende, mas com o lúdico é muito melhor”*; *“Quando eu trabalhava com o jardim 1, eles não têm muita compreensão para entender tudo que você vai falando e através do lúdico, não, eles vão pegando numa boa”*. O mesmo concorda a psicóloga citando fatos de sua experiência: *“principalmente aqui na creche porque as crianças, elas têm de zero a três anos, então elas precisam desse contato com o lúdico. Não significa que a gente usa somente o lúdico. (...). Tem as conversas que posso chamar de um pouco mais formal”*.

Anna Freud (1971) afirma que as ações das crianças juntamente com os materiais utilizados na técnica de análise infantil através do brinquedo são equivalentes à associação livre. Geets (1977) relata que a criança possui um vocabulário escasso para ser interpretado e impróprio para estabelecer um tratamento baseado na linguagem devido a associações pobres, o que impossibilita o analista de chegar às camadas mais profundas do psiquismo da criança. Klein (1997) concorda e destaca que a criança durante a análise age mais do que fala, pois a ação é mais natural para ela do que o domínio da linguagem, ou seja, coloca atos em lugar de palavras. Segundo a educadora da pré-escola: *“A criança quando ela brinca, ela tenta se organizar, né. Eles têm autocontrole, tem autonomia. O brincar proporciona tudo isso. Você brinca de faz de conta, elas já vão direcionando qual é o seu papel. Quando tem três, quatro crianças brincando, uma é a mãe, uma é a filha e a outra é a empregada, elas já vão direcionando as suas tarefas. E aí eles trocam e tem aquela que não aceita e começa a brigar, às vezes discutem e aí eu vou lá e intervenho, mas eles aprendem também com isso, a criança também tem que aprender com isso”*. E ainda Vigotski (2000) descreve que o brinquedo faz com que a criança se relacione com o mundo do significado e isto a ajuda a entrar no mundo simbólico, das representações, da língua e das relações entre pensamento e linguagem, além da criação das situações imaginárias desenvolverem o pensamento abstrato.

A importância do brincar para a relação professor/aluno.

Penteado (1997) enfatiza a importância da capacidade do educador de se relacionar com o aluno de uma forma apropriada para o processo de ensino-aprendizagem ser efetivo. O mesmo concorda a educadora da instituição de ensino da pesquisa, a qual discorre: *“(...) a gente tem que está sempre presente com o aluno, sempre estar brincando, estar buscando estar perto do aluno e fazer com que ele perceba que você também está atenta para ele. (...). E assim, eu gosto muito de planejar junto com eles. Eu faço meu planejamento, mas toda*

sexta-feira eu sento com eles no chão, na rodinha e pergunto o que eles acham”. A psicóloga escolar também relaciona a importância de uma relação adequada com o aluno para o processo de aprendizagem ser efetivo, e esta aponta um fato de sua experiência na escola: *“Proponho muito algumas brincadeiras para que os professores façam com seus alunos. E isso é importante para ter uma relação com a criança naquele primeiro contato com ela”*.

A relação professor/aluno é essencial para o processo de aprendizagem ser estabelecido, mas isso não quer dizer que o professor deva ser aquela pessoa “boazinha”, que não se preocupa com as atividades escolares, não seja exigente. Pelo contrário, aquele professor que transmite seriedade, é rigoroso em momentos apropriados, mas também sabe envolver os alunos nas atividades, transmite o conteúdo de uma forma criativa e não apenas no método tradicional que muitas vezes é maçante e cansativo, consegue ganhar a confiança dos alunos facilitando o processo de aprendizagem. Em relação a esse argumento a educadora relata: *“Você tem que respeitar a habilidade de cada um, respeitar cada criança e todo mundo é diferente. Então você tem que saber dos objetivos daquela brincadeira e para que eles também já comecem a ter autonomia. As brincadeiras já têm regras, né? A criança ela vai construindo ao longo do tempo. Os meus alunos têm de cinco a seis anos e já estão começando a ter percepção de que as brincadeiras elas também têm regras. Se eu vivo em sociedade eu também tenho que respeitar as regras”*.

Mas para esse processo acontecer é necessário uma formação profissional adequada do professor para desempenhar essa função. A rivalidade entre eles pode produzir desânimo e o não comparecimento de ambos na escola. A simpatia do aluno com o professor e vice-versa é muito importante, pois permite um clima agradável e propício ao aprendizado, além de firmar a presença deles na escola. Portanto, no futuro a criança saberá valorizar a escola, os estudos, e ninguém vai precisar mostrar para ela essa conscientização. Ela buscará o seu caminho e o seu sucesso por si só, sem a necessidade de ter alguém lhe indicando o que fazer.

Então, Macedo et al. (2005) complementam que desta forma a perspectiva da criança é considerada. Assim, é possível romper as resistências, os desinteresses e as limitações que tornam a escola, muitas vezes, um lugar sem sentido para as crianças.

A brincadeira na escola – o professor como mediador.

Para o professor desempenhar seu papel da melhor forma possível, primeiramente ele tem que ter uma formação profissional adequada e saber se envolver nas atividades lúdicas propostas, pois é assim que ele conseguirá uma boa relação com seus alunos. A partir disso, ele tem capacidade de discernir as atividades apropriadas para aplicar em sala de aula e promover um aprendizado efetivo para todos os seus alunos, independente das habilidades e limitações que eles possuam, sem assim, destacar uns e excluir os outros, ou seja, os professores têm condições de proporcionar um ambiente correto para que aconteça o brincar e o processo de aprendizagem.

A respeito disso a educadora descreve situações de sua experiência: *“A criança quando está brincando, ela está aprendendo, mas ela não percebe que está aprendendo. Dentro do brincar ela está aprendendo. Sem perceber ela vai aprendendo que $2 + 2 = 4$. Eu tenho duas bolas, vou ganhar mais duas bolas, com quantas bolas vou ficar? Mesmo que pedir para a criança pegar cinco bolas, cinco folhas lá no gramado. Ai o outro traz seis e outro traz nove. Então quem tem mais? E com isso ela vai aprendendo. Eu acho que o lúdico é muito importante na vida da criança”*.

O professor é o organizador do ambiente de ocorrência da atividade. Deve se preocupar com o espaço, com a duração do tempo, com os materiais a serem utilizados, com os objetivos daquela atividade, além de analisar, observar e anotar tudo o que as crianças fazem e como elas fazem durante esse procedimento, pois tudo isso pode influenciar no desenvolvimento infantil e no processo de aprendizagem. Após cada atividade lúdica, deve-se

proporcionar momentos de reflexão para provocar um aprendizado na criança, ou seja, fazer com que ela tome consciência do que aprendeu, pois às vezes para se chegar a um determinado objetivo, não é suficiente apenas brincar. Desta forma o professor estará agindo como um mediador entre o brincar e a reflexão. Essa reflexão deve ser feita de uma maneira simples, na qual a criança consiga obter uma maior compreensão do que foi realizado e, assim, ampliar o seu conhecimento.

Ambas as profissionais concordam com esse argumento e relatam isso em seus discursos. A psicóloga escolar enfatiza: *“É importante que as crianças tentem resolver. Não estão conseguindo a resolução, e começa, por exemplo, um empurrar o outro, um bater no outro e aí há uma necessidade do adulto intervir e vir mostrando para aquelas crianças que se resolve pela linguagem, que a gente pode falar ao invés de bater”*. O mesmo assemelha-se ao discurso da educadora: *“o professor tem que estar mediando, observando e aí quando você percebe alguma coisa que te interessa, aí você vai e media, interfere naquele momento, perguntando o que você quer saber”*.

De acordo com Oliveira et alii (1992, p. 102, citado em Kishimoto, 2002a, p.102) o educador pode desempenhar um importante papel no transcorrer das brincadeiras se consegue discernir os momentos em que deve só observar, em que deve intervir na coordenação da brincadeira, ou em que deve integrar-se como participante das mesmas.

O brincar como um meio da criança lidar com o erro.

O erro é um processo muito importante na vida de cada pessoa, pois é também através dele que se obtém aprendizado. Deste modo, quando uma criança brinca e não é capaz de desenvolver determinada atividade da forma correta, é pela tentativa e erro que ele vai produzir novas descobertas, conseguir ir em busca de novas soluções para chegar ao seu objetivo.

A psicóloga afirma baseada em experiências de sua profissão que: *“Às vezes as crianças mudam as regras do jogo, elas mudam as regras e elas estão brincando e estão se divertindo. Às vezes a gente não consegue nem compreender um pouco a lógica, né, mas elas estão compreendendo, elas estão brincando, então deixa elas brincarem. Como por exemplo, o quebra-cabeça. Às vezes as crianças estão ali todas empenhadas montando o quebra-cabeça certinho. Outras crianças estão tentando montar por cores, então, elas mudaram a lógica, não querem aquele desenho do quebra-cabeça. Isso já aconteceu. Queriam que todas as peças vermelhas ficassem em um canto e todas as peças azuis em outro canto e elas estão tentando encaixar. Então pra que você intervir e estar mostrando que o certo não é daquele jeito, “o quebra-cabeça não foi feito para brincar dessa forma”, se elas criaram outra maneira de montar”. A educadora acrescenta: “Na minha faixa etária, erro ainda não é apontado. Eu vi que o aluno errou, então eu vou criar meios para que ele chegue no correto. Por exemplo, o aluno fala para a professora que quer escrever a palavra bola, e ele escreve B-O-A. Então eu vou levar ele a escrever a letra L que faltou. Eu não vou dizer para ele que está errado até porque eles ainda são muito pequenos e até mesmo os maiores, você vai perceber e mostrar para ele até que ele perceba o que faltou. Acho que esse é um conhecimento maior. Se você fala para o aluno que ele esqueceu o L, ele vai aprender? Até que sim, mas fazer ele com que ele percebe o que falta e chegar na escrita correta é muito melhor. Ele mesmo percebeu, então vai ter um conhecimento maior”.*

Os adultos já compreendem que o erro gera aprendizado, mas a criança ainda não tem esse recurso. Em vista disso, é necessário mostrar de uma forma compreensiva o que aconteceu para que a criança não se frustre ou se iniba e deixe de realizar novas atividades por uma repreensão após um erro. O jogo é um momento em que a criança pode explorar e experimentar determinados comportamentos e, nesse momento, deve haver uma atmosfera livre de pressão para que ela possa vivenciar essas situações sem ameaças e que, futuramente,

talvez ela não arriscasse justamente por medo de uma punição ou da falta de sucesso. Mas é importante, desde cedo, mostrar para a criança que nem tudo na vida trará sucesso e que o ser humano é suscetível ao erro. Diante disso, é papel do educador ou de qualquer adulto provocar um feedback ou uma reflexão acerca do erro para criar esclarecimentos e significados sobre o que as crianças produziram.

A psicóloga escolar relatou o seguinte sobre esse assunto: *“O tentar de novo. A gente estimula as crianças a fazerem novamente. E a gente não se prende ao certo e ao errado. Ela conseguiu daquela forma. Mesma coisa de fazer um rabisco e falar que aquilo é uma árvore. Para a criança aquilo é uma árvore. No grupo, às vezes a criança erra, aí o grupo aponta e a gente trabalha essa questão com o grupo”*.

Assim, Moyles (2002) aponta a importância de cometer erros no processo de aprendizagem. O ser humano é suscetível a erros, mas a criança nem sempre entende isso como a oportunidade de aprender e pode interpretá-lo como fracasso. Isso pode inibir a sua participação em atividades propostas na escola e ela pode torna-se apenas uma observadora passiva, tendo como consequência a perda da auto-estima. O brincar lhe proporcionará um grande benefício através da aprendizagem pelo erro e estimulará a exploração e a solução de problemas.

A importância do brincar no meio familiar.

Devido a sobrecarga de trabalho diário dos pais, da preocupação com os problemas do cotidiano, alguns deles mal têm tempo de realizar atividades com seus filhos, de brincar ou de lhes proporcionar momentos de diversão. Desta forma, muitos colocam os filhos em atividades esportivas, compram vídeo-game, televisão, computador, entre outros brinquedos que, se não utilizados corretamente podem não promover a formação, a educação da criança. Assim, essas alternativas se tornam um desvio para compensar a falta de tempo dos pais.

Em vista disso, foi feito um questionamento para as profissionais em relação ao incentivo dos pais e participação dos mesmos nas brincadeiras com os filhos. A educadora relatou: *“Assim, eu tenho contado com muitos pais, mas eu acho que os pais hoje estão mais preocupados em valorizar os filhos comprando brinquedos. Ao invés de chegar em casa, tirar 10 minutos, 15 minutos, pra descer com seu filho, jogar uma bola, ficam assistindo TV. Não são todos, lógico que não vou generalizar”*. Há um consenso em relação à opinião da psicóloga escolar sobre esse assunto: *“Incentivam que brinquem com o colega, que façam um balé, um balé recreativo, mas eu vejo muita dificuldade dos pais em sentar com o filho para brincar. Então, muitas vezes eu proponho isso para os pais, que peguem um joguinho e vá brincar com a criança. (...). Eu sempre falo que o brincar, não importa a quantidade de tempo, o que importa é a qualidade. Então se você tem 30 minutos, mas se nesses 30 minutos os pais estejam ali com a criança”*.

É interessante ressaltar a visão de Ariès (1981) sobre o trabalho na sociedade antiga, o qual não tinha o mesmo valor que hoje é destinado a ele, pois este não ocupava tanto tempo do dia de uma pessoa. Por outro lado, eram os jogos e as brincadeiras que proporcionavam momentos para fortalecer os laços na sociedade.

Pode-se notar que hoje o trabalho é realmente muito valorizado e tem uma grande importância para a sociedade e, é por meio dele que os adultos formam seus laços sociais, diferente da criança que o faz através das brincadeiras.

E em relação a participação dos pais nas brincadeiras dos filhos, Winnicott (1982) enfatiza a distinção entre as brincadeiras infantis naquelas que são de “Mães” e naquelas que são de “Pais”. A mãe passa a maior parte do tempo em casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos. Portanto, a criança tem uma visão mais clara dessas atividades, se familiarizando com elas por estar sempre por perto. Já o pai trabalha fora e a criança não tem contato com essa atividade, assim como os hobbies que ele realiza em suas horas vagas. Mas essas

atividades do pai ampliam os horizontes do mundo da criança, pois esta não as presencia como presencia as atividades domésticas. Assim, é importante a participação do pai nas brincadeiras infantis quando possível, pois é neste momento que o pai pode acrescentar elementos valiosos adquirido no mundo às brincadeiras. Segundo a educadora: *“É um momento muito rico com o filho. Eu acho que o filho tem que ter aquele momento de brincar com o pai, o pai valorizar o filho de tudo que ele fez. “Hoje na minha escola eu aprendi isso”; “O que mais você aprendeu”; ir questionando, né? Você tem que estimular a criança. Tem criança que não tem estímulo. Você percebe só no olhar para ela que ela não tem estímulo. A criança que tem a família presente, a mãe e o pai, ou a mãe ou o pai presente, de fazer a atividade com ela, de brincar, isso é muito interessante”*.

O momento de estar com o filho por alguns instantes é importante, pois proporciona a interação pais-filhos, a afetividade, a comunicação, transmite os valores reais, entre outros conhecimentos que os pais obtêm no mundo em que a criança ainda não participa e servirá para a formação de sua personalidade, além de abrir novos horizontes da criança. A questão não é entrar na brincadeira do filho e o deixar com o papel de observador. É partilhá-lo, enriquecê-lo e, como o adulto possui uma experiência mais vasta, ele consegue discernir o que é bom e o que é ruim, proporcionando, assim, uma maior criatividade e imaginação por parte da criança, ou seja, produzindo-lhe novas possibilidades para descobrir. É na brincadeira que o adulto consegue observar melhor a criança e é por isso que o brincar no meio familiar deve ser valorizado, tanto quanto no contexto escolar, o que foi muito bem enfocado pelas entrevistadas, mostrando consonância com a teoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objetivo conhecer o brincar como contribuição ao desenvolvimento infantil no contexto escolar. A partir do referencial teórico e das entrevistas realizadas com duas profissionais da área escolar, foi possível confirmar os pressupostos das teorias estudadas e concluir que as atividades lúdicas contribuíram para a construção do conhecimento, favorecendo o desenvolvimento físico, afetivo, intelectual, pessoal e social da criança.

O brincar auxilia muito na expressão dos sentimentos da criança. Ele é uma importante forma de comunicação e, tendo em vista que a criança possui um vocabulário escasso e ainda não tem um bom domínio da linguagem, pode se tornar difícil falar de uma determinada vivência dolorosa, portanto, é pelo brincar que a criança pode demonstrar o que sentiu no seu cotidiano. Assim, é pelo lúdico que o adulto será capaz de transmitir uma mensagem educativa de uma forma que a criança consiga entender.

Pode-se perceber a importância que o brincar tem para o desenvolvimento infantil, visto que é uma necessidade da criança, além de ser sua principal atividade na infância. Ele possibilita que a criança encontre a realidade e é um recurso essencial para o processo de ensino-aprendizagem. Pode-se concluir também que, com a oportunidade do brincar, as crianças estarão mais preparadas emocionalmente e, deste modo, poderão ter o controle de suas atitudes e emoções, posicionando-se de forma mais aberta e, obter melhores resultados no decorrer de sua vida, inclusive no ambiente escolar.

É importante ressaltar a função do adulto, tanto dos pais quanto dos educadores em relação à sua participação nas atividades lúdicas da criança. Os pais precisam dar mais valor aos momentos de brincadeiras com os filhos e assim, dedicarem um pouco do seu tempo para realizar essas atividades, independente da vida corrida e dos problemas que enfrentam. Isso é

necessário para o desenvolvimento dos seus filhos, além de terem a compreensão de ser uma atividade valiosa associada à aprendizagem.

Em relação aos educadores, é necessário que eles tenham uma formação adequada e antes de tudo acolhimento e devem também gostar de brincar para realizarem de maneira correta esse ensinamento através do lúdico aos seus alunos, pois não basta aplicar a atividade, é importante se engajar nela junto com eles, de intervir e provocar sempre reflexões a respeito de tudo que foi produzido e realizado pelas crianças, visto que isso traz excelentes ganhos no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento infantil. Esse processo deve ser feito de modo eficaz, dinâmico e prazeroso. O educador não deve temer sua participação nas atividades lúdicas, achando que isso é uma oposição ao trabalho sério e caso isso aconteça, ele não está preparado para assumir essa responsabilidade e não compreendeu a importância do brincar.

É possível e necessário inserir o lúdico nos processos de desenvolvimento e aprendizagem escolar, pois isso promove e facilita a construção de conhecimento, além de aprimorar e enriquecer a personalidade e o desenvolvimento da criança pela prática adequada de jogos e brinquedos. É necessário ainda ressaltar que não é qualquer atividade lúdica que promove esses benefícios. Elas devem ser estudadas e seus objetivos devem ser analisados antes de serem utilizadas em uma sala de aula, ou isso poderá trazer complicações às crianças.

Apesar de todos os benefícios apontados neste trabalho a respeito do brincar, não se deve transformar tudo em jogo. Na vida, muitos acontecimentos que necessitam do nosso maior comprometimento para serem enfrentados não são divertidos. A sociedade impõe regras muitas vezes das quais discordamos, e mesmo assim, em muitas ocasiões, precisamos aceitá-las e cumpri-las. Assim, é importante o papel da escola na educação das crianças, visto que em determinados momentos elas precisam ser colocadas em contato com situações que sejam desafiadoras e baseadas em regras, para assim terem uma experiência, crescerem e amadurecerem.

Este trabalho contribuiu para o crescimento pessoal e profissional da autora, pois proporcionou um grande aprendizado sobre a importância do brincar tanto para o desenvolvimento infantil em geral, quanto para o desenvolvimento infantil com enfoque no contexto escolar. Com isso, pode-se dizer que é indispensável a inclusão de jogos e brincadeiras no programa escolar desde a educação infantil para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, além de proporcionar o desenvolvimento da criança em diversas áreas, e a integração e melhor relação entre o aluno e o professor. Desta forma, é imprescindível a compreensão e valorização das pessoas da grande importância que o brincar tem para o desenvolvimento infantil e não achar que este funciona apenas como distração e diversão para as crianças.

Por fim, através da experiência profissional da autora durante os estágios realizados no curso, é possível verificar também a importância do brincar para o contexto hospitalar visto que neste ambiente o brincar auxilia na elaboração do período de hospitalização e, na área clínica, onde o brincar é uma forma de comunicação e auxilia na formação do processo de transferência. Assim, pode-se observar a vasta função que o brincar proporciona não só às crianças, mas aos profissionais da área de Psicologia e de muitas outras áreas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abram, J. (1996). *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Ed. Revinter.
- Almeida, P. N. (2003). *Educação lúdica: prazer de estudar, técnicas e jogos pedagógicos*. 11ª Edição. São Paulo: Ed. Edições Loyola.
- Antunes, C. (2003). *O jogo e a educação infantil: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir*. 2ª Edição. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. LTC.
- Brougère, G. (1998). *Jogo e educação*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.
- Chateau, J. (1987). *O jogo e a criança*. São Paulo: Ed. Summus.
- Dohme, V. (2003). *Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Freitas, M. C., & Kuhlmann, M., Jr. (2002). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Ed. Cortez.
- Freud, A. (1971). *O tratamento psicanalítico de crianças*. Rio de Janeiro: Ed. Imago Editora Ltda.
- Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In: *Obras psicológicas completas*. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Galvão, I. (1995). *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Geets, C. (1977). *Melanie Klein*. São Paulo: Ed. Melhoramentos.
- Golse, B. (1998). *O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança*. 3ª Edição. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.
- González Rey, F. L. (2005). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson Learning.
- Heywood, C. (2004). *Uma história da infância*. Porto Alegre: Ed. Artmed.
- Ide, S. M. (1997). O jogo e o fracasso escolar. In: Kishimoto, T. M. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 2ª edição. São Paulo: Ed. Cortez.
- Kishimoto, T. M. (org.) (2002a). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson Learning.

- Kishimoto, T. M. (2002b). *O jogo e a educação infantil*. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson Learning.
- Klein, M. (1982). A técnica psicanalítica do brinquedo: Sua história e significado. In: Herrmann, F. A., & Lima, A. A. *Melanie Klein: Psicologia*. São Paulo: Ed. Ática.
- Klein, M. (1997). *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Macedo, L., Petty, A. L. S., & Passos, N. C. (2005). *Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Ed. Artmed Editora.
- Moll, L. C. (1996). *Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.
- Moyles, J. R. (2002). *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Porto Alegre: Ed. Artmed Editora.
- Penteado, H. D. (1997). Jogo e formação de professores: Videopsicodrama pedagógico. In: Kishimoto, T. M. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 2ª Edição. São Paulo: Ed. Cortez.
- Piaget, J. (1983). *A epistemologia genética*. 2ª Edição. São Paulo: Ed. Abril Cultural.
- Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Ed. Graphia.
- Rappaport, C. R. (1981). Desenvolvimento cognitivo. In: Rappaport, C. R., Fiori, W. R. & Davis, C. *Psicologia do desenvolvimento: a idade pré-escolar*. Vol. III. São Paulo: Ed. EPU.
- Vigotski, L. S. (2000). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Wadsworth, B. J. (1997). *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. 5ª Edição. Revisada. São Paulo: Ed. Pioneira.
- Wallon, H. (1995). *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Ed. Edições 70.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. LTC.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. O que é o brincar para você?
2. Qual a função das brincadeiras para o desenvolvimento infantil?
3. Quais as vantagens de se utilizar o lúdico nas atividades escolares para o desenvolvimento infantil? Há desvantagens?
4. As escolas reconhecem a importância do lúdico nas atividades dentro da sala de aula?
5. Como é o ambiente da escola onde são realizadas as atividades lúdicas? Você acha que as escolas oferecem espaço suficiente e adequado para as crianças brincarem?
6. Você observa um incentivo adequado do brincar da parte dos pais das crianças?
7. Quando há o distanciamento do brincar, você percebe algum efeito negativo?
8. Quais as contribuições do brincar para a aprendizagem?
9. Quais os tipos de jogos que vocês têm aqui na escola?
10. Com essa mudança nas brincadeiras, você acha que hoje as crianças ainda sabem brincar?
11. Você consegue avaliar o que a criança realmente está aprendendo a partir do comportamento exibido com o brincar?
12. Você acha que os pais valorizam as atividades recreativas da escola?
13. Os pais vêem aprendizado nessas atividades?
14. Você acha que após um exercício, a criança ao escolher um brinquedo qualquer e, sem interação ou intervenção do professor em algum momento oportuno, promove aprendizado?
15. O que aconteceria se as crianças não brincassem?
16. Quais as brincadeiras mais utilizadas aqui na escola? E quais finalidades elas alcançam?
17. Você acha que o jogo é um suporte pedagógico ou uma preparação para a vida coletiva?
18. Aqui vocês utilizam jogos livres e jogos educativos? Há materiais específicos para cada jogo?

19. Como envolver as crianças nas tarefas escolares?
20. Como ensinar crianças que não desejam aprender?
21. Como ensinar crianças que não encontram sentido nas tarefas escolares?
22. Você acha que as tarefas escolares são necessárias? Existe alguma teoria que fundamenta a necessidade da criança realizar tarefas escolares?

APÊNDICE B



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE - FACES
CURSO: PSICOLOGIA – 2º SEMESTRE DE 2008

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) colaborador(a),

Meu nome é Camila Diniz Figueiredo. Sou aluna do curso de psicologia do UniCEUB e estou cursando a disciplina Monografia. Esse trabalho consiste em uma pesquisa que está sendo supervisionada pela professora Ciomara Schneider. O objetivo dessa pesquisa é conhecer a importância do brincar para o desenvolvimento infantil, considerando o contexto escolar.

Esta pesquisa traz como benefícios um conhecimento a mais acerca do brincar como contribuição ao desenvolvimento infantil no contexto escolar, tanto em termos de evolução social quanto de inteligência, visto que o brinquedo é uma das principais atividades da criança além de ser uma das maneiras pela qual esta participa da cultura, da mesma forma que o adulto participa através do trabalho.

A entrevista deverá ser respondida individualmente, pois é de extrema importância a sua opinião pessoal. Neste sentido, solicito, pois, a sua colaboração para responder todas as questões. Não há respostas certas ou erradas, boas ou más, e a sua resposta não vai influenciar na nota do trabalho. Fique livre para responder o que quiser, pois você não precisará dar informações que não queira.

As informações fornecidas serão utilizadas somente para o propósito de pesquisa e na utilização dos dados não haverá identificação dos participantes. Os dados dessa pesquisa serão adquiridos através de entrevistas semi-estruturadas. Sua experiência pessoal será de extrema importância para esse estudo. Com o material de nossas conversas e entrevistas publicarei meu trabalho de monografia, sendo que todas as informações que possam identificá-lo (a) serão omitidas. A partir dele terei meios para analisar e enfatizar a relevância do brincar para o desenvolvimento infantil no contexto escolar.

Ao participar desta pesquisa, conscientizo de que estará eticamente garantido e poderá desistir a qualquer momento, inclusive sem nenhum motivo, bastando para isso informar a sua decisão ao pesquisador (a). Sua participação é voluntária e sem interesse financeiro, não estando correndo riscos ou prejuízos de qualquer natureza.

Poderá solicitar informações durante todas as fases das pesquisas, inclusive após o término e publicação da mesma.

Assumo compromissos fundamentais que garantirão a você a tranquilidade necessária para responder com sinceridade a entrevista, como o anonimato, ou seja, você não precisará se identificar, além do total resguardo no arquivamento das entrevistas transcritas, durante e após a pesquisa, sem expor indevidamente a escola e a sua participação.

Agradeço antecipadamente sua valiosa participação!

Qualquer dúvida contactar,

Camila Diniz - Celular: 9994-9109

E-mail: camila.dnz@gmail.com

Ciomara Schneider - Celular: 84052140

E-mail: ciomara23@hotmail.com

CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) - UniCEUB - Telefone: 3340-1363

E-mail: comite.bioetica@uniceub.br.

Atenciosamente,

Camila Diniz Figueiredo

Como o meu anonimato será preservado por questões éticas confirmo estar sendo informado por escrito e verbalmente acerca dos objetivos dessa pesquisa e em caso de divulgação através de textos e/ou estudos acadêmicos autorizo a publicação, sem com isso receber benefícios financeiros.

Assinatura do participante

Professora responsável: Ciomara Schneider

APÊNCIDE C

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista com a Psicóloga Escolar

* Gostaria que você falasse um pouco do seu trabalho aqui na escola?

Uhum. Bom, meu trabalho aqui na escola, ele é muito voltado para a comunidade escolar, ou seja, os professores. Então eu tenho encontro com esses professores, individualmente ou coletivo. No ano passado eu fazia grupo com professores e aí em cada encontro eu trabalhava um tema, então eram professores mistos, professores da creche, da pré-escola e do ensino fundamental. Então eu comecei trabalhando “que escola eu tive?”, “como foi minha escola?”, “como foi a escola do professor?”, “que escolha eu fiz?”, “porque eu escolhi estar na escola?”, “porque escolhi esta escola?”, né? E fui trabalhando até chegar na oportunidade de levar textos né? aí eles liam e aí a gente discutia nesses grupos. Nos textos falavam sobre a relação professor-aluno (inaudível). Esse ano, quando eu retornei de licença a maternidade, não tive condições de dar continuidade ao grupo né? Mas já estou montando uma formação continuada para os professores para o ano que vem, uma formação continuada mais as oficinas com os professores. Além disso, eu faço parte da equipe diretiva, então, direção, coordenação, orientação, algumas tomadas de decisões aqui na escola eu também participo, ajudo nessas decisões. Faço acompanhamentos dos alunos, principalmente na creche acerca da transição do berçário para o maternal um, “qual o momento adequado para fazer a transição?”. Processo de desfralde, né? E os pais me procuram muito também para que eu possa orientá-los, ajudando em algumas dificuldades que eles tenham. Também quando percebo alguma dificuldade do aluno, algo em que eu posso contribuir, né? Entro em contato com os pais, faço um trabalho com a turma, com a professora, enfim.

* No seu trabalho, você costuma utilizar atividades lúdicas?

Todas as vezes que eu entro em contato com esses alunos, eu entro por meio do lúdico. Por meio de historinhas, por meio de brincadeiras, né, e proponho muito algumas brincadeiras para que os professores façam com seus alunos. E isso é importante para ter uma relação com a criança naquele primeiro contato com ela.

* O que é o brincar para você então?

Brincar pra mim é estar em contato com a fantasia, com o seu mundo interno e ao mesmo tempo com o conhecimento do mundo externo, né? Partindo do princípio que esses bebês e essas crianças que estão na primeira infância aqui na creche, eles também estão nessa constituição do eu e do mundo externo. Então vejo dessa forma esse paralelo.

* Quando você não utiliza o brincar, você percebe alguma desvantagem em relação a isso?

Ahn, às vezes sim, às vezes não. Depende de cada situação. Às vezes, ao conversar com a criança, né, a criança não consegue, talvez, captar aquilo, a mensagem, ou não tem a concentração suficiente, atenção suficiente para a conversa. Ahn, então eu percebo que por meio do lúdico, por exemplo, o uso de fantoches, né, ao invés da tia Maria falar, da tia fulana falar, o personagem fantoche, né, falar, passar mensagens há uma compreensão melhor.

* Você acha que só aqui reconhece a importância do brincar para a criança ou outras escolas também reconhecem essa importância?

Eu acredito que tem escolas que reconhecem e tem escolas que não reconheçam por causa da sua abordagem, da sua metodologia.

* Como é o ambiente que a escola proporciona para as crianças brincarem? É amplo, pequeno, tem diferentes tipos de brinquedos?

Bom, aqui as crianças têm espaço de salas de aula em que elas possuem brinquedos da própria sala de aula, caixas com os brinquedos. Nós temos a brinquedoteca na qual os alunos têm uma hora nessa brinquedoteca. Eles vão acompanhados dos professores, monitores para a brinquedoteca e lá eles realizam as brincadeiras. A brinquedoteca tem um espaço que monta uma casa. Então tem a sala de estar, tem a cozinha, né, tem um ambiente para fazer as refeições, então eles brincam muito nesse espaço, eles gostam muito. Outros espaços são os espaços livres que nós temos. Nós temos esse gramado aqui, em que as crianças brincam muito, brincadeiras livres, às vezes direcionadas. Às vezes a contadora de história ela não realiza a aula dentro da sala de aula, realiza a aula lá fora. Ela faz uma brincadeira também “corre cotia” que é uma brincadeira bem antiga e que ela resgata essas brincadeiras. Temos também recreação aquática que é o momento em que as crianças, hum, não é aula de natação, é recreação aquática. É um momento que elas estão na água, né, com toda a sua turma, com o professor, brincando. Às vezes o professor direciona a brincadeira, né, coloca alguns bichinhos na água, algumas bolinhas, aí ele pede para as crianças que peguem as bolinhas vermelhas e levem para ele, né, enfim, direciona algumas brincadeiras.

* Você acha que tem momentos que a criança só brinca e tem momentos em que você pode utilizar esse brincar e fazer com que as crianças tenham um aprendizado?

Exatamente. Direcionar o aprendizado por meio do lúdico. Nós temos também a psicomotricidade, né, que é uma aula que promove toda a estimulação psicomotora da criança, né, mas é uma brincadeira também. Eles brincam, eles pulam, então a aula de psicomotricidade eles gostam muito. Para eles é um momento de brincar também.

* Tem crianças que às vezes não compreendem um conteúdo através de uma explicação ou por outro método sem ser por meio do lúdico. Em vista disso, você acha que é importante utilizar o brincar para ela ter uma compreensão melhor?

Sim, principalmente aqui na creche porque as crianças, elas têm de zero a três anos, então elas precisam desse contato com o lúdico. Não significa que a gente usa somente o lúdico. Não. A gente faz as rodinhas na sala, alguns combinados do que pode, do que não pode, né. Tem as conversas que posso chamar de um pouco mais formal.

* Depois de uma brincadeira, pode-se levar a criança a uma reflexão do que aconteceu, não é mesmo?

Aham. Exatamente. Por exemplo, vou pegar um pouco da realidade da pré-escola, Fizemos alguns combinados com eles, né, e depois dos combinados, foi pedido que eles desenhassem. E aí eles desenharam e cada um me mostrou o que desenhou. É uma forma de internalizar os combinados brincando.

* Com essa mudança nas brincadeiras, hoje tem muito jogo eletrônico por exemplo, você acha que traz mudanças no desenvolvimento das crianças a longo prazo?

Eu acredito que sim. Por quê? As crianças têm muito contato com esses brinquedos eletrônicos e que normalmente são brinquedos individuais, né, que a criança brinca sozinha. No espaço da escola, no ambiente escolar, é um ambiente que tem que dividir muito. Você divide espaço, você divide a mesa, você divide a professora, divide o colega, né? Então a

longo prazo eu vejo essa dificuldade em termos de interação, do relacionamento social das crianças. Além também de direcionar brincadeiras mais para luta, a violência. Eu vejo muito isso também.

* Você participa, observa algumas aulas aqui da escola?

Faço observação e eu participo mais ativamente com a contadora de história. Tem um projeto aqui na escola que se chama “Contando e encantando o cotidiano”. Alguns temas que surgem e a gente trabalha com eles. Por exemplo, a chegada do irmãozinho, que alguns têm dificuldade e aí eu trabalho isso com eles. Desfralde, algumas crianças também apresentam algumas dificuldades e a contadora de história conta uma história e eu fico junto e a gente conversa um pouco, brinca um pouco.

* Você acha que os pais valorizam as atividades lúdicas da escola? Eles incentivam o lúdico?

Não. É... bom, é um pouco diferente. Eles até incentivam, mas não com eles. Incentivam que brinquem com o colega, que façam um balé, em balé recreativo, mas eu vejo muita dificuldade dos pais em sentar com o filho para brincar. Então muitas vezes eu proponho isso para os pais, que peguem um joguinho e vá brincar com a criança. Nós temos crianças aqui que passam o dia inteiro na escola, ficam manhã e tarde. Então à noite, chegando em casa, brinque, né? Eu sempre falo que o brincar, não importa a quantidade de tempo, o que importa é a qualidade. Então se você tem 30 minutos, mas se nesses 30 minutos os pais estejam ali com a criança. Que seja sentado no chão, em cima da cama, mas que eles estejam de fato participando da brincadeira, brincando.

* E você acha que no currículo escolar, quando eles vêm que tem a brincadeira, eles incentivam ou recriminam?

Eles incentivam, mesmo no ensino fundamental, eles incentivam.

* Você acha que é mais pela falta de tempo, pela correria deles, eles acabam não brincando com a criança?

(Inaudível)

* E algum pai já veio aqui, te pedir opinião sobre como ele pode estar desenvolvendo algo com o filho?

Me pedindo opinião, não. Veio com queixa. Muitos pais vêm com queixas e aí as orientações que eu faço, em alguns casos dá pra gente fazer algumas orientações e a gente coloca essa questão da brincadeira. Dos livrinhos, contar historinhas, as vezes que abordar um assunto com a criança, por exemplo, a criança está com um avô que tem Alzheimer e a família tem dificuldade de contar o que é Alzheimer para a criança e aí eu sugeri para essa família comprar um livrinho sobre esse assunto. Hoje tem muitos livrinhos que falam sobre algumas doenças, e livros infantis e contar para a criança, contar aquela historinha e aproveitar e falar com a criança sobre o assunto. “Então é isso que o vovô tem”, e ir colocando para ela a medida que for necessário a questão da doença do avô. Essa é uma das orientações que eu fiz. Agora muitos pais vêm com algumas queixas e eu oriento o brincar, ter mais contato com o filho, ter um tempo com ele, um tempo de qualidade.

* O brincar é a realidade da criança, onde ela consegue internalizar determinadas coisas.

Exatamente.

* Os pais vêem que o lúdico traz aprendizado ou eles acham que é só uma brincadeira, uma recreação?

Na creche eles compreendem que sim. À medida que a criança vai crescendo, eles não têm essa percepção. Eu até brinco com alguns pais assim: calma, o vestibular não é agora. Porque alguns pais falam assim: ele está brincando muito, ele tem que estudar. Toda aquela demanda de um futuro promissor, mas eles não têm a percepção de que a criança pode ter sim esse futuro promissor, passar na federal que gostariam que passassem, enfim, brincando. Teve um casal aqui na escola que vieram reclamar do recreio, que eles achavam que estava muito pequeno, e que as crianças precisavam brincar, e foi algo interessante, um outro pensamento.

* A criança, quando não tem muito lúdico acabam não entendendo e a preocupação dos pais é que as crianças vão ter futuro se estiverem estudando. O brincar é a atividade principal da criança, então para elas entenderem o significado da escola, tem que ter o lúdico para compreender a importância de participar da escola.

Aham, exatamente.

* Nas suas observações em sala de aula, quando você percebe alguma dificuldade da professora em aplicar uma atividade para desenvolver um aspecto das crianças, você intervém?

Dependendo de como está o desenrolar, eu começo a entrar, né, e começo a conduzir e posteriormente eu converso com a professora, passo algumas orientações.

* Você acha que a criança tem que ter aquele momento só dela com o colega para depois ter a intervenção do professor?

Como assim? Hum, depende muito da situação. Por exemplo, uma criança pegou um brinquedo e outro coleguinha também quer aquele brinquedo. É importante que as crianças tentem resolver. Não estão conseguindo a resolução, e começa, por exemplo, um empurrar o outro, um bater no outro e aí há uma necessidade do adulto intervir e vir mostrando para aquelas crianças que se resolve pela linguagem, que a gente pode falar ao invés de bater. Então eu posso pedir emprestado aquele brinquedo ao invés de tomar aquele brinquedo e essa seria a intervenção do adulto. Em outros casos, às vezes algumas crianças estão com algum conflito ali por algum brinquedo, mas elas resolvem. Uma cede, ou empresta, ou uma criança resolve se vai brincar com outro brinquedo ou elas passam a brincar juntas com o mesmo brinquedo, mas é importante que as crianças tenham essa oportunidade de estar entre elas brincando, criando soluções para os problemas que possam vir a surgir.

* E sobre a questão do erro, por exemplo, uma criança desenvolveu errada a atividade e isso pode trazer frustração ou não. Já ocorreu isso aqui, ou como você agiria em uma situação como essa?

Eu não me recordo, mas eu sempre oriento aos professores o seguinte: antes de iniciar a brincadeira, falar sobre as regras daquela brincadeira. “Como se joga aquele jogo?” e explica. Mas às vezes as crianças mudam as regras do jogo, elas mudam as regras e elas estão brincando e estão se divertindo. Às vezes a gente não consegue nem compreender um pouco a lógica, né, mas elas estão compreendendo, elas estão brincando, então deixa elas brincarem. Como por exemplo, o quebra-cabeça. Às vezes as crianças estão ali todas empenhadas montando o quebra-cabeça certinho. Outras crianças estão tentando montar por cores, então, elas mudaram a lógica, não querem aquele desenho do quebra-cabeça. Isso já aconteceu. Queriam que todas as peças vermelhas ficassem em um canto e todas as peças azuis em outro canto e elas estão tentando encaixar. Então pra que você intervir e estar mostrando que o certo não é daquele jeito, “o quebra-cabeça não foi feito para brincar dessa forma”, se elas criaram

outra maneira de montar. A gente não pode também podar o potencial criativo que elas tiveram.

* As crianças aprendem também por tentativa e erro. Falo isso porque os adultos entendem que o erro traz aprendizado onde busca novas soluções para chegar no seu objetivo. Já as crianças nem sempre tem essa percepção e acabam se frustrando. Então muitas delas, pelo que eu li, se tornam observadoras passivas, não interagem em outras brincadeiras e perdem confiança em si. E é importante o adulto explicar para a criança a questão de não ter sucesso sempre.

O tentar de novo. A gente estimula as crianças a fazerem novamente. E a gente não se prende ao certo e ao errado. Ela conseguiu daquela forma. Mesma coisa de fazer um rabisco e falar que aquilo é uma árvore. Para a criança aquilo é uma árvore. No grupo, às vezes a criança erra, aí o grupo aponta e a gente trabalha essa questão com o grupo. A gente pensa novamente. Dependendo do jogo, por exemplo, onde está o erro, o que a gente pode fazer para (interrupção de uma pessoa na hora da entrevista).

* Às vezes as crianças acabam se comparando um com o outro. E tenho tal habilidade, mas meu colega não tem essa habilidade e podem até fazer gozação com o colega.

Isso depende muito da idade da criança, mas, por exemplo, no ano passado tinha uma criança que desenhava, ela gostava muito de desenhar, e ela aprendeu a desenhar uma borboleta e aí ela ensinou as colegas a desenhar a borboleta e aí fala, “ah, minha borboleta está mais bonita” e a gente trabalhava essa questão, de cada um fazer o seu desenho. Às vezes a criança falava que não gostou da borboleta, então perguntar para ela “por que você não gostou da borboleta?”. “Ah, porque eu achei que a asa ficou muito grande”, “e você não pensou em fazer uma asa menor?”. Não pegando o padrão de outros.

* O adulto trabalha, a criança já não trabalha então ela utiliza o brincar. Você acha que o brincar é uma preparação para a vida adulta?

Sim. As brincadeiras têm as regras e no mundo adulto tem algumas regras. Na brincadeira às vezes as crianças não gostam daquela regra, mas elas cumprem aquelas regras, no mundo adulto isso também acontece. Na brincadeira eu vejo o potencial de criação, da criatividade. Eu vejo que na brincadeira muitas crianças conseguem sensibilizar algumas coisas. Então eu queria brincar assim, mas não dá para brincar desse jeito porque está chovendo, aqui está molhado, alguma coisa assim. Vamos adaptar a brincadeira, né, vamos pegar o fio geral da brincadeira e fazer de outra forma. O adulto também precisa fazer isso. No trabalho ele precisa ser criativo, ele precisa sensibilizar coisas muitas vezes e ter um olhar para cada situação.

* Como envolver as crianças nas atividades escolares?

Bom, nos temos aqui, a escola tem material próprio, material pedagógico próprio. Então nós temos uma apostila e essa apostila é utilizada desde o maternal dois. Então é uma apostila muito lúdica. Por exemplo, vai trabalhar a cor verde, então tem uma música, tem um animal, uma tinta, uma massinha envolvida, então sempre tem um lúdico, sempre tem envolvido uma brincadeira por trás. Eu vou aprender a cor verde, né, mas eu vou aprender com massinha de modelar, cantando a música do sapo, pintando o sapo. Tem criança que não quer pintar o sapo de verde, pinta o sapo de azul. O sapo dela é azul e qual é o problema, né? Então a gente faz dessa forma.

* Como ensinar crianças que não desejam aprender?

Na creche não se fala de aprender, a gente não tem esse enfoque pedagógico. A gente tem todo um conteúdo, um contexto pedagógico, mas a gente não totaliza aqui. As crianças sempre são muito estimuladas porque é uma brincadeira e há muito interesse também no aprender das cores, enfim. Eu vejo que as crianças vão perdendo o interesse a medida que a série vai aumentando. Eu acho isso muito interessante para uma pesquisa: Porque que com o passar dos anos as crianças deixam de gostar de aprender, deixam de gostar de ir para a escola. Porque se perde todo o encanto com a escola com o passar dos anos? E eu levanto até uma hipótese, será também que não vai se perdendo as brincadeiras? Será também que não vai puxando mais o conteúdo? Eu vejo também que os professores também tem muito dessa preocupação, de ter tempo de vencer o conteúdo todo. Por exemplo, em outubro eu já atingi meu objetivo, então eu posso usar novembro pra algo além, estão sempre pensando em algo pedagógico além, muito voltado para a questão de conteúdo também. Outros não, outros não são tão conteudistas.

* Eu vejo muito pela situação do mundo hoje, que tem a preocupação com o mercado de trabalho competitivo, então os pais estão muito focados em incentivar ou até mesmo pressionar os filhos a estarem sempre estudando. O que pode tornar o estudo como uma obrigação e não um prazer.

Ai vai para o inglês, vai para o kumon, e outras atividades extras e acaba não tendo tempo para se divertir e brincar.

* E em relação a essas crianças que vão avançando de série e vão perdendo o incentivo nos estudos, como intervir para que a criança volte a ter incentivo com os estudos?

Eu sempre busco chamar o professor para sentar junto, porque se tem algo que ele não está gostando, que está muito difícil para ele estar na sala de aula, estar na escola, será que não tem algumas estratégias que a gente possa utilizar, modificar um pouco a aula, a forma de ensinar. Teve uma professora que eu chamei, nós conversamos sobre algumas questões nesse sentido, pois tinha uma criança que estava muito desmotivada, mas tinha questões além da escola. E ai vamos trabalhar em grupo. Ao invés da professora utilizar a sala em “U”, em carteiras individuais, vamos usar em grupo; fazer grupo de quatro pessoas; atividades em grupo, em conjunto; mais atividades lúdicas. E nesses grupos surgiam crianças que lideravam esses grupos e já que surgiu vamos aproveitar e falar um pouco sobre líder já que foi algo que surgiu na turma. “O que é um líder?”. Ai então nós usamos jogos, brincadeiras.

* Tem mais alguma coisa que você queira acrescentar sobre o seu trabalho?

Bom, eu vejo muito que, o psicólogo escolar, ele tem que ter um cuidado muito grande na sua atuação porque as pessoas confundem. Então, o professor costuma muito mandar no aluno, mandar o aluno para o psicólogo consertar e devolver. A família costuma muito a procurar o psicólogo na escola e colocar um problema vivenciado e muitas vezes querer que a escola solucione e não é o papel da escola, do psicólogo escolar, enfim. Então tem que ter sempre esse cuidado e orientar o professor para que ele possa desenvolver um bom trabalho e conduzir, e conduzir de uma forma correta.

* O professor está sempre presente com o aluno então ele tem um papel fundamental nesse aprendizado, de conduzir.

Às vezes o professor conhece o aluno muito mais do que nós, porque ele está ali diariamente com o aluno. Então ele sabe quais são as atividades adequadas para cada turma, para não valorizar uns e desvalorizar outros alunos.

Entrevista com a Educadora

* Você poderia começar falando um pouquinho do seu trabalho aqui na escola?

Eu trabalho com crianças de cinco a seis anos que estão no jardim dois. Trabalhei muito tempo com o jardim um, meu sonho sempre foi trabalhar com crianças no jardim dois, aliás, jardim um, desculpa, e esse ano estou trabalhando no jardim dois. É um trabalho muito importante além de ser muito rico e eu cresci muito do jardim um pro jardim dois. E assim, eu tô amando. Eu trabalho muito com o lúdico, eu gosto muito do brincar e a gente tem que está sempre presente com o aluno, sempre estar brincando, estar buscando estar perto do aluno e fazer com que ele perceba que você também está atenta para ele. Se eu quero que meus alunos venham de tênis, eu também tenho que vir de tênis. Como é que eu vou querer que meus alunos venham de tênis se eu estou de chinelo, sapato alto? E assim, eu gosto muito de planejar junto com eles. Eu faço meu planejamento, mas toda sexta-feira eu sento com eles no chão, na rodinha e pergunto o que eles acham. Eu dou o tema e eles vão me dizendo o que acham e com isso eu vou direcionando. A semana do dia da criança nós planejamos juntos. Queriam ir na piscina junto coma professora, queriam fazer pintura. E sexta-feira no final da aula, eu sentei junto com eles para fazer uma avaliação do que foi feito. Eu sempre trabalho assim. Eu amo o que eu faço e gosto de trabalhar com projetos. Eu fiz um projeto já esse ano com os meus alunos. Surgiu um tema sobre a importância de se comer frutas, verduras e eles planejaram tudo. Fizeram até uma feira de verdade onde eles trouxeram frutas, verduras de casa e foi tudo planejado por elas. Eu acho que as crianças também têm o conhecimento próprio e a gente brinca muito. Matemática, eles sabem somar, subtrair, meus alunos já estão fazendo tudo isso, mas tudo através do lúdico. A gente brinca na roda, usa o corpo e só depois que a gente vai para a escrita, para o gráfico, mas primeiro é o lúdico. Agora estamos montando um projeto sobre plantas medicinais, ervas que curam. Então está sendo muito rico. Eles chegam em casa falando o que aprenderam, falando o nome das ervas. O importante é trabalhar junto com eles.

* Você acha que essa interação de pedir a opinião deles, planejar junto com eles é importante tanto para o aprendizado deles quanto para a sua interação com eles?

Com certeza. Isso é muito importante porque, assim, eu já tenho meu planejamento, a escola toda sexta feira a gente faz um planejamento, aquilo que eu vou trabalhar. Eu chego na segunda-feira na sala, pergunto o que aconteceu no final de semana, o que aconteceu, o que não aconteceu, o que eles fizeram com a família, o programa deles com a família e aí eu fala que essa semana nós vamos trabalhar determinado tema e eu pergunto o que eles querem. Eu planejei assim e assim, mas o que vocês acham? Eles sempre me dão retorno, vão direcionando também. Se for bom e fizer parte do meu contexto, para o enriquecimento do meu planejamento, porque não ser inserido dentro do contexto? E é uma coisa assim que você percebe que eles trazem. Essa semana mesmo nós vamos trabalhar com o sistema solar. Você selecionado para que cada criança fizesse uma pesquisa em casa e trouxesse amanhã. Uma turma ficou responsável pelos planetas, outra turma ficou responsável pela pesquisa e isso enriquece o meu trabalho, tanto como aprendizado para eles quanto para o meu trabalho.

* Você acha que em determinados momentos o lúdico é muito mais importante para a criança entender aquele assunto do que você sentar com ela e explicar?

Com certeza. Eu acho isso muito válido você brincar primeiro, você brincar com o corpo porque se você está brincando você está aprendendo. Até com nós adultos, dependendo da área, você fica sentado e aquilo não é legal, mas quando tem algum palestrante que começa a brincar com você, você vê como é gostoso. Então para as crianças é atrativo, você se interessa, o tempo passa, você nem vê o tempo passar. Então para a criança, ela aprende muito

mais através do lúdico, memoriza muito mais do que quando você está ali sentado o tempo todo. Ela aprende, mas com o lúdico é muito melhor.

* Tem determinada idade que a criança não compreende tanto a fala assim como ela também não tem tanto domínio da fala, então acaba usando do brincar para aprender.

Quando eu trabalhava com o jardim um, eles não têm muita compreensão para entender tudo que você vai falando e através do lúdico, não, eles vão pegando numa boa. Eu acho que não só na educação infantil, que hoje até a quarta, quinta série, o professor ainda deveria brincar com ele. Eu já tive a experiência aqui na escola, eu fiquei um período que eu ficava substituindo professor e eu fiquei três semanas na quarta série. Olha, o que eu brincava com eles, a gente fazia as atividades, lógico, na sala de aula, mas tinha momentos em que eu ia para o parque, levava brinquedo pedagógico para o parque e eles amavam, tanto é que quando eu saí da turma eles pediram para eu ficar. Achava muito interessante (risos). Eu acho que o brincar hoje até a quarta série deveria ser muito lúdico, muito importante para os alunos. Tem momentos que você tem que ser mais sério. Esses projetos são bem interessantes, são coisas muito boas mesmo de se trabalhar quando tem o lúdico dentro disso tudo. A nossa escola aqui já tem um pouco disso, que trabalha com o lúdico nos projetos, então é muito interessante. Agora eu vou montar com eles o que eu vou fazer na feira, o que eles querem colocar na feira (os chás de cada planta). É uma maneira de brincar, mas que está aprendendo né? Na feira da fruta, no final eles já davam o troco certinho. Quando tinha uma fruta que custava 0,50 centavos e vinha alguém e dava um real, eles sabiam que tinham que dar 0,50 centavos de troco. A partir da atividade lúdica eles aprenderam. Se eu fosse brincar de outra maneira que não fosse o lúdico eles não iam aprender.

* A partir disso tudo, me defina o que é o brincar para você?

Brincar pra mim é tudo. Brincar é você ficar feliz, brincar é você interagir com o outro. Brincar pra mim é você interagir com o outro mesmo. É você criar, é você fantasiar. O brincar é muitas coisas. Quando eu fui criança, eu não brinquei como os meus alunos brincam no parque, porque me falavam que na hora do recreio não podia brincar, então eu não brincava, ficava sentada, até onde eu lembro. Eu acho que é por isso que fiz minha monografia sobre o brincar, porque é muito gostoso. Através do brincar a criança desenvolve o emocional, o cognitivo, o social, tudo isso.

* Você acha que as crianças que brincam mais, elas acabam tendo um desenvolvimento melhor a longo prazo?

Com certeza. Aquela criança que brinca, interage mais. Esse ano eu tive um aluno, ele não tinha contato nem com o pé no chão. O pai achava que não era legal, e com o tempo, hoje em dia não, ele brinca a vontade. O primeiro dia que eu lembro, ele sujou a roupa, foi uma coisa assim. Depois a mãe veio conversar comigo e eu falei para ela: Desculpa mãe, mas ele vai se sujar, ele vai brincar, ele vai rolar. Hoje ela está bem mais tranquila. É brincando que a criança interage.

* O pular, o rolar, ela acaba desenvolvendo o físico.

Isso, o corpo. Você percebe que o físico dela, a coordenação dela não é tão boa quando a dos outros. Agora que está desenvolvendo. Ela não conseguia pular com os dois pés, não conseguia saltar de um lado para o outro, e hoje já melhorou muito.

* Então você vê vantagens em relação ao brincar na hora de ensinar?

Quando você vai introduzir um novo conceito, você primeiro tem que introduzir com o corpo. Através da música também é muito coisa rica e tá no nosso currículo, a música.

Brincadeiras antigas que hoje em dia não brincam mais, como a brincadeira de roda. Hoje é difícil você ver brincadeira de roda.

* Essa questão em relação as brincadeiras de hoje em dia e das brincadeiras do passado. Antigamente tinha brincadeira de rua, hoje são mais jogos eletrônicos como o computador, vídeo game. Você acha que essas brincadeiras promovem um desenvolvimento diferente nas crianças?

Olha, eu acho que sim. Tudo bem que alguns eletrônicos têm seus conceitos digamos assim. Mas as brincadeiras de rua têm muito mais vantagens no desenvolvimento social, motor do aluno. Nas brincadeiras de rua você interage com outras pessoas. Quando você está na internet, você está com uma máquina. E outra, tem o emocional do aluno. Eu acho as brincadeiras de rua mais saudáveis do que as de hoje. Eu sempre levo os meus alunos para esse lado do brincar, da brincadeira de roda, pular amarelinha e coloco pra eles que todos os dias a gente tem que brincar.

* Você acha então que não utilizar o brincar traz desvantagens?

Olha, eu diria que sim e você pode perceber que uma criança que não brinca é triste. Eu acredito não, eu tenho certeza. Foi como eu te falei, que quando você brinca você interage com o outro, se você interage você aprende, né?

* Aqui na escola, vocês utilizam muito do lúdico. Você acha que isso só acontece aqui ou acontece em outras escolas também? Essa valorização do lúdico.

Apesar de não conhecer outras escolas, eu acredito que sim, que valorizam, que priorizam o brincar, porque a criança brinca do nada. Se ela pega um papelzinho ela brinca, ela faz daquele papel um avião, um carro, um boneco. É como eu te falei, eu acho que de primeira à quarta série a criança devia brincar muito. Já na quinta série já tem outra visão, já começa a ficar mocinha, a ficar rapazinho, mas brincam, mas não é aquela brincadeira de faz de conta, de brincadeira de roda, de pular amarelinha, né? Já são outras brincadeiras. Hoje as crianças moram em apartamento, pois é meio perigoso descer por conta da violência.

* E em relação aos pais, você acha que eles valorizam esse trabalho lúdico feito aqui na escola?

Aqui na escola eu acredito que sim, que eles valorizam, principalmente o lúdico. Os pais já me conhecem e recebem numa boa o meu trabalho, aceitam e valorizam também, porque eles percebem que a criança está aprendendo através do lúdico. Então não tenho reclamação quanto a isso. Os pais entendem a brincadeira porque traz aprendizado. No início do ano, nós tivemos aqui na escola, um pai e uma mãe que vieram assistir aula como se fossem alunos. O pai me deu retorno. Me viu cantando, me viu brincando e ele sabia que eu estava trabalhando o corpo, a linguagem, o esquema corporal. Ai esse dia ele falou: “professora, agora eu valorizo, eu não desvalorizava seu trabalho, mas não achava que era isso que você estava fazendo, mas parabéns”. Então acho que os pais também têm que participar, tem que ter essa parceria. Para reclamar tem que saber antes o que está acontecendo.

* Você acha que hoje em dia os pais brincam com os filhos ou deixam nas mãos da escola?

É pra ser sincera? (risos). Eu acho que... não todos. Assim, eu tenho contado com muitos pais, mas eu acho que os pais hoje estão mais preocupados em valorizar os filhos comprando brinquedos. Ao invés de chegar em casa, tirar 10 minutos, 15 minutos, pra descer

com seu filho, jogar uma bola, ficam assistindo TV. Não são todos, lógico que não vou generalizar.

* Você acha que também é importante os pais...

Os pais também, porque eu acho que é importante a parceria da família com a escola. É um momento muito rico com o filho. Eu acho que o filho tem que ter aquele momento de brincar com o pai, o pai valorizar o filho de tudo que ele fez. “Hoje na minha escola eu aprendi isso”; “O que mais você aprendeu”; ir questionando, né? Você tem que estimular a criança. Tem criança que não tem estímulo. Você percebe só no olhar para ela que ela não tem estímulo. A criança que tem a família presente, a mãe e o pai, ou a mãe ou o pai presente, de fazer a atividade com ela, de brincar, isso é muito interessante.

* Quais são os tipos de atividades que você realiza aqui com as crianças?

A escola como um todo você fala ou só eu como professora?

* Se você me souber falar sobre a escola em geral e depois focar em seu trabalho.

Nós temos vários professores. Nós temos professor de recreação aquática que as crianças brincam bastante. Nós temos um professor de música e ele tem instrumento, brinca com o corpo, com a voz, ele faz um trabalho maravilhoso. Temos também a professora de psicomotricidade que trabalha com o corpo, trabalha com várias brincadeiras, com corda, com bola, com bambolê, com diversidade. Depois temos a professora de artes que também trabalha com a criatividade do aluno. Eu digo que o brincar é uma arte também, né? (risos). Nós também temos professor de informática, de inglês que também brinca.

* Você acha que existe aqueles jogos que são só para recreação e que existe aqueles jogos que são mais para a aprendizagem mesmo?

Sim. Tem os jogos pedagógicos, né, que eu uso na minha sala com eles. Quebra-cabeça, brinquedo de encaixe. Na minha sala eu trabalho com eles coisas que eles mesmos escolheram. Toda sexta-feira é o dia do brinquedo preferido. Eles trazem brinquedos educativos. São brinquedos de encaixe, de aprender a ler, a somar, dividir. Falando sobre isso, não sei se você leu sobre Kishimoto?

* Li sim.

E ele fala sobre isso. Brincar por brincar... Não sei se foi Kishimoto ou... É que eu li vários livros para a minha monografia. É um que fala que o brincar por brincar, a criança às vezes não aprende sozinha, mas quando ela interage com o outro ela já aprende né? É muito interessante que eles interagem um com o outro. A gente brinca muito de brincadeira de roda, cantando música, brincamos com o colchão, de dar cambalhota, de brincadeiras antigas, trava língua, minha sala é (risos). Se quiser passar na minha sala.

* Depois vou dar uma olhadinha sim. É, eu li muito que a criança brinca, não com o intuito de aprender alguma coisa, que ela não tem essa consciência ainda. Por isso que é importante o papel do professor.

É, de mediar. É o mediador da situação. Você tem um objetivo com aquela brincadeira. Então você vai induzindo a ela, e ele vai percebendo e aprendendo. Caça ao tesouro, é uma brincadeira super legal onde os alunos têm que vencer etapas. Tem as regras, e eles vão aprendendo a ler, a dividir, a somar, as cores, as formas, os limites, tudo ali mesmo. Para você encontrar determinada bola, você vai ter que dar dois pulos para frente, dois pulos para trás, para o lado, para a direita, para a esquerda, em cima, embaixo. Eles vão aprendendo com tudo isso.

* Na sala de aula, ao fazer uma atividade, depois as crianças brincam, Você acha que tem determinados momentos que você precisa interferir?

Depende do momento, porque tem momento que eles estão livres. Na minha sala tem o dia do brinquedo preferido, de o aluno chegar e ter um momento livre. Mas o professor tem que estar mediando, observando e aí quando você percebe alguma coisa que te interessa, aí você vai e media, interfere naquele momento, perguntando o que você quer saber. Ah, digamos assim, ele está brincando com um boneco, com um jogo e eu: “como é o nome desse boneco?”; “Começa com que letra?”; “Termina com que letra?”; “Quantas letras têm?”; Aí você já está trabalhando matemática, português, linguagem. O professor tem que ser mediador, tem que ir mediando. Tem uma coisa que também é legal, que a gente vai fazendo que é rodízio da literatura onde um vai contando a história para o outro. Aí eles vão contando e eu fico sempre percebendo, olhando quem tá lendo, quem tá contando a história e é muito legal.

* O adulto tem o trabalho. A criança não tem porque não consegue trabalhar. Você acha que através da atividade lúdica, a criança se prepara para a vida adulta?

Eu acho que sim. A criança quando ela brinca, ela tenta se organizar, né. Eles têm autocontrole, tem autonomia. O brincar proporciona tudo isso. Você brinca de faz de conta, elas já vão direcionando qual é o seu papel. Quando tem três, quatro crianças brincando, uma é a mãe, uma é a filha e a outra é a empregada, elas já vão direcionando as suas tarefas. E aí eles trocam e tem aquela que não aceita e começa a brigar, às vezes discutem e aí eu vou lá e intervenho, mas eles aprendem também com isso, a criança também tem que aprender com isso.

* Por exemplo, tem uma situação que tem uma criança brincando com outra. Aí uma quer brincar de tal maneira e a outra não quer. Você espera elas se resolverem...

Isso. Eu percebo, não vou lá de primeira, então eu deixo que elas resolvam, ter autonomia, porque a criança tem que ter autonomia. Quando eu percebo que a coisa não está legal, aí eu vou lá e interajo, intervenho e elas voltam a brincar normal.

* O importante é a criança tentar achar uma solução para depois você intervir caso seja necessário.

Isso. Criar uma solução porque com isso eles vão tendo uma autonomia, se organizando internamente, para que quando ela se torne um adulto tenha condições de resolver essas coisas. Ganhar confiança, porque se tudo que a criança fizer tiver alguém presente, vai crescer uma pessoa dependente.

* É em relação a isso que eu falo da comparação do adulto que trabalha enquanto a criança brinca. No brincar ela se prepara para a vida adulta.

Isso, vai preparando para a vida adulta. Ela direciona as suas funções dentro as brincadeira, é um trabalho que ela tá fazendo, que ela está criando e futuramente ela já... Você percebe quem é líder, você já percebe ali dentro do grupo.

* A criança interagindo com as outras, ou seja, trabalho em equipe.

Isso, trabalho em equipe e é muito importante hoje que nem todos conseguem trabalhar em equipe. Hoje nós temos que trabalhar a criança para isso, no futuro trabalhar em equipe. Você percebe quem consegue trabalhar em equipe, quem lidera, quem interage numa boa com todos.

* Você tem uma visão global de todos os alunos.

(risos) O professor conhece cada aluno. Eu conheço meus alunos pelo desenho, tenho essa facilidade de perceber isso. Temos aqui o dia de desenhar. Tem dias que a criança desenha perfeito, mas tem dias que ela não está bem e não consegue desenhar, ou seja, não está bem com ela mesma e você tem que aceitar isso.

* Sobre essa questão de você perceber os alunos. Então você percebe as habilidades que uns têm e que outros não têm, as limitações de um e de outros. Ao aplicar uma brincadeira você verifica primeiro o objetivo dela para não afetar tanto uma, ou valorizar mais outra?

Exatamente, porque você tem que respeitar a habilidade de cada um, respeitar cada criança e todo mundo é diferente. Então você tem que saber dos objetivos daquela brincadeira e para que eles também já comecem a ter autonomia. As brincadeiras já têm regras, né? A criança ela vai construindo ao longo do tempo. Os meus alunos têm de cinco a seis anos e já estão começando a ter percepção de que as brincadeiras elas também tem regras. Se eu vivo em sociedade eu também tenho que respeitar as regras.

* Cada atividade lúdica que você aplica, depois dela você faz uma reflexão?

Sim, para que as crianças tenham uma reflexão sobre o que aconteceu e depois a gente volta para o gráfico.

* Você aplica tarefas de casa?

Sim.

* E, por exemplo, aquela criança que não tem o desejo de aprender, como você faz para incentivá-la a voltar a ter esse desejo?

Eu não tenho muito isso na minha sala não, uma criança que não tenha o desejo de aprender, né? Mas eu, se eu tivesse uma criança assim, a primeira coisa que eu trabalharia com ela era o estímulo, porque o estímulo eu acho que é tudo. Estimular a criança, tem que falar que ela é importante, que a professora tem que dizer para a criança que gosta muito dela, que ela é capaz de fazer isso. Por que muitas vezes nós pecamos muito com o lúdico. Aquela criança que sempre participa, aquela criança que está sempre fazendo e aquela criança que está lá quietinha, caladinha. Ela também tem muito que ensinar para você, e tem muito que aprender. Se você estimular, se você trabalhar com a auto-estima dela você vai ver como ela cresce rápido.

* Os pais eles visam muito o futuro da criança, que eles estudem, que a escola é importante e com o aprendizado ela vai poder se formar e ter um futuro garantido. Já a criança não tem essa visão. Então para que a criança entenda a importância da escola, é necessário utilizar o lúdico?

Sim. A criança quando está brincando, ela está aprendendo, mas ela não percebe que está aprendendo. Dentro do brincar ela está aprendendo. Sem perceber ela vai aprendendo que $2 + 2 = 4$. Eu tenho duas bolas, vou ganhar mais duas bolas, com quantas bolas vou ficar? Mesmo que pedir para a criança pegar cinco bolas, cinco folhas lá no gramado. Ai o outro traz seis e outro traz nove. Então quem tem mais? E com isso ela vai aprendendo. Eu acho que o lúdico é muito importante na vida da criança. A criança que brinca é uma criança feliz. Ela tem que se sujar, subir na árvore. A criança quando brinca de super-homem não tem a visão, a percepção que se pular dali ela vai machucar. Para ela, ela é o super-homem. Mas brincando ela vai aprender que não vai poder voar.

* Você acha que as tarefas de casa são importantes?

Eu acho. Quando eu mando tarefa para casa eu já trabalhei com a criança aquilo em sala de aula. Tem que ter uma interação da escola com a família. Quando é feita pelo aluno, quando o aluno se interessa por fazer aquela tarefa eu acho que é importante sim. E é o que eu falo com os pais, que eles têm que realizar aquela tarefa de maneira lúdica, porque às vezes você pega uma atividade que tem que escrever a palavra “bola”. Porque não pesquisar sobre a bola? Desenhar a bola? Brincar com a bola? De que é feita a bola? Vamos fazer uma bola de massinha, então vamos brincar primeiro e a criança vai aprendendo. É uma coisa prazerosa, uma coisa gostosa. As tarefas de casa são importantes se for de maneira lúdica. Fazer por fazer não tem nenhum objetivo.

* Você conhece alguma teoria que fundamenta que há a necessidade da criança realizar as tarefas de casa? Já ouviu falar em alguma?

Teorias não. Já li muitas coisas, mas sobre isso não. Eu aconselho assim, que seja uma coisa importante, prazerosa para a criança. Eu acho importante a criança levar a tarefa para casa.

* Tem crianças que levam a tarefa para casa e voltam sem ter feito?

Já.

* Como você trabalha com essa criança para que ela leve a tarefa e traga feita?

Como eu trabalho com elas? Eu trabalho da seguinte maneira. Primeiro eu converso com ela, pergunto por que ela não fez. Às vezes ela responde que a mãe não acompanhou ela, porque a mãe não lembrou, porque ela pediu ajuda para a mãe e ela não pôde ajudar naquele momento. Ai pergunto se ela quer fazer comigo na sala e depois começo a estimular ela falando que é uma maneira dela aprender mais e no outro dia a criança faz e acabou. Não tenho muitos problemas com criança que leva a tarefa e não traz. E você (risos), o que você sobre a importância de aplicar tarefas de casa?

* (risos) Eu não li nada sobre isso, mas eu acho que é bem interessante, pois você trabalha o conteúdo aqui com a criança e a partir das tarefas escolares você vai verificar se o que você ensinou para as crianças foi efetivo.

Quando você leva a tarefa pra casa, eu sei que já foi trabalhado em sala de aula. A criança traz e se foi ela que fez, porque não adianta o pai fazer.

* É igual prova que você aplica para ver o aprendizado do aluno.

É uma avaliação. E eu acho que essa avaliação, você avalia o aluno e a si próprio. Muitos professores pensam que avaliação é só para avaliar o aluno e não é. Com o tempo você vai conhecendo seus alunos, quais são as habilidades e então você vai planejando de acordo com as necessidades dos seus alunos. Se você aplica determinado conteúdo e você percebe que aquele aluno, que a maioria dos alunos não obteve conhecimento daquilo que foi passado, daquilo que foi ensinado, você vai ter que reconhecer e ver outra maneira de mediar esse conhecimento. Eu acho que a avaliação é contínua, é todos os dias e é por isso que eu acho que as provas deveriam ser todos os dias. Muitas vezes o aluno está conversando, mas está aprendendo e a gente tem que respeitar o aluno e o aluno tem que respeitar o professor também. Se você tem o aluno do seu lado você tem tudo.

* Nas atividades de sala de aula, se uma criança erra alguma coisa, você incentiva a tentar de novo até achar uma solução?

Uhum. Na minha faixa etária, erro ainda não é apontado. Eu vi que o aluno errou, então eu vou criar meios para que ele chegue no correto. Por exemplo, o aluno fala para a professora que quer escrever a palavra bola, e ele escreve B-O-A. Então eu vou levar ele a escrever a letra L que faltou. Eu não vou dizer para ele que está errado até porque eles ainda são muito pequenos e até mesmo os maiores, você vai perceber e mostrar para ele até que ele perceba o que faltou. Acho que esse é um conhecimento maior. Se você fala para o aluno que ele esqueceu o L, ele vai aprender? Até que sim, mas fazer ele com que ele percebe o que falta e chegar na escrita correta é muito melhor. Ele mesmo percebeu, então vai ter um conhecimento maior.

* Com certeza.

Quando a criança ela descobre, ela mesma descobre por si próprio é melhor para ele, ele aprende com mais facilidade do que você dar tudo pronto. O que você acha?

* (risos) Eu acho que dar tudo pronto para a criança ela não aprende nada.

Quando a criança pergunta para mim: o que você acha? Você deve jogar a pergunta para a criança, para você perceber o que ela acha, você vai ver como está o conhecimento dela.

* Eu comentei sobre o erro, porque os adultos aprendem com o erro, mas a gente tem aquela consciência de que nem sempre a gente tem sucesso em algo. Mas algumas crianças que às vezes não entendem isso e se frustram com aquele erro. Dependendo como o professor fala com a criança, ela pode interpretar como algum ruim, e se isolar, não participando mais das atividades.

Uhum, isso mesmo. Você está certíssima. É, o professor tem que ter cuidado de como falar com o aluno ou então ele pode não querer mais ir para a escola também.

* Só mais uma pergunta. Sobre o ambiente que a criança utiliza para brincar. Como você acha que tem que ser esse ambiente, algo bem amplo, pequeno?

Eu acho que dependendo do momento, do que você vai brincar e da faixa etária dos alunos. Você não pode misturar uma criança que tem seis anos com uma criança que tem dez anos. Tem momento que isso pode acontecer, não estou dizendo que isso não pode acontecer. Mas assim, são outras brincadeiras. Para brincar com os jogos educativos tem que ter um espaço mais restrito, mais reservado para a criança ter um aprendizado melhor. E também uma coisa que é muito importante é que a sala de aula seja bem, que tem letras, números, palavras, que seja uma sala alegre. Que tenha material anexado na sala de aula, que você esteja trabalhando. Se eu estou trabalhando com o sistema solar, que tenha algo na sala sobre isso, que tenha os planetas para a criança perceber. É a visualização. Ela aprende através do contato. Uma coisa que também é importante é que essas coisas estejam ao alcance das crianças. Se a criança está aprendendo as letras do alfabeto que as letras estejam ao alcance delas.

* A visualização é importante, pois dependendo da idade, a criança ainda não tem desenvolvido o pensamento abstrato. Então para ela é difícil ficar imaginando essas coisas e é importante a visualização para que ela esteja internalizando aquilo.

E uma coisa que é legal, é que seja construído com eles, seja confeccionado por eles, porque aquilo que você participa é mais importante, tem mais responsabilidade, tem um significado maior.

ANEXO

**Comitê de Ética em Pesquisa - CEP**

Brasília, 09 de setembro de 2008.

Memo. 360/08

Do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UniCEUB

Para: Ciomara Schneider

Assunto: Encaminhamento do Parecer CAAE 3018/08 (TCC 133/08) – 2ª versão


Prezada Pesquisadora,

Informamos que o projeto CAAE 3018 - **“A importância do brincar para o desenvolvimento infantil no contexto escolar”**, 2ª versão, atendeu todas as solicitações, encontra-se **aprovado** por este Comitê de Ética em Pesquisa e está em condições de ser iniciado.

Ressaltamos a necessidade de atenção aos Incisos IX.1 e IX.2 da Resolução 196/96 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto.

Após o seu encerramento, solicitamos o envio do relatório, conforme anexo, até 05 de dezembro de 2008.

Cordialmente,


Marília de Queiroz Dias Jacom
Coordenadora do CEP/UniCEUB
Comitê de Ética em Pesquisa – UniCEUB
Coordenadora



SEPN 707/907, Campus do UniCEUB, Bloco IX, 70790-075, Brasília – Fone: (61) 3340.1363
www.uniceub.br – comite.bioetica@uniceub.br